



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS - FACALE
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO - MESTRADO EM LETRAS



CYNARA ALMEIDA AMARAL PIRUK

**CRESCER NAS MARGENS:
MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL EM *EL CALLEJÓN
OSCURO* (2010), DE SUSANA GERTOPÁN**

Dourados

2020



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS - FACALE
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO - MESTRADO EM LETRAS



CYNARA ALMEIDA AMARAL PIRUK

**CRESCER NAS MARGENS:
MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL EM *EL CALLEJÓN
OSCURO* (2010), DE SUSANA GERTOPÁN**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Letras, da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FACALE) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), como requisito à obtenção do título de Mestre em Letras.

Área: Literatura e Práticas Culturais

Orientadora: Profa. Dra. Alexandra Santos Pinheiro

Dourados

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

A485c Amaral, Cynara Almeida

Crescer nas margens: memória e identidade cultural em "El callejón oscuro" (2010), de Susana Gertopán [recurso eletrônico] / Cynara Almeida Amaral – Dourados: UFGD, 2020.

99f. Arquivo em formato pdf.

Orientadora: Alexandra Santos Pinheiro.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, 2020.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Susana Gertopán. 2. Literatura Paraguaia. 3. Memória. 4. Identidade Cultural. 5. Hibridismo.
I. Pinheiro, Alexandra Santos. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

BANCA EXAMINADORA

**CRESCER NAS MARGENS:
MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL EM *EL CALLEJÓN
OSCURO* (2010), DE SUSANA GERTOPÁN**

Alexandra Santos Pinheiro

Profa. Dra. Alexandra Santos Pinheiro
(Presidente /Orientadora)

Zélia Santos

Profa. Dra. Zélia R. Nolasco dos Santos Freire
(Membro Titular)

Edgar Santos

Prof. Dr. Edgar César Nolasco dos Santos
(Membro Titular)

Paulo Bungart Neto

Prof. Dr. Paulo Bungart Neto
(Membro Titular)

Dourados

2020

Dedico esta dissertação aos amantes da
Literatura, aos povos da América Latina
e aos imigrantes que também contribuem
para nossa diversidade cultural.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus por me permitir estudar o curso de Mestrado em Letras e me dar os dons da sabedoria e do entendimento, assim como a força espiritual e o equilíbrio emocional necessários para a realização deste trabalho.

Ao meu esposo amado, Leandro, pelo companheirismo, incentivo, amor, paciência, apoio e alegria por mais essa conquista.

À minha família, por estarem comigo em todas as etapas de minha vida, por me apoiarem e acreditarem em mim! Pelo compartilhar de minhas alegrias e aflições e pelas intercessões para que os objetivos fossem alcançados, meus agradecimentos.

À Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), pela oportunidade de usufruir, com exclusividade, do Plano de Capacitação do servidor dessa Instituição. Ainda, a todos os colegas da Editora: pelo estímulo a percorrer o caminho da pesquisa, minha singela gratidão. Especialmente, ao coordenador da Editora, Prof. Dr. Rodrigo Garófallo Garcia, por me apoiar e incentivar mais essa nova etapa da minha vida.

À minha orientadora, Profa. Dra. Alexandra Santos Pinheiro, pela dedicação e apoio demonstrados em todos os momentos e etapas necessárias para o início, desenvolvimento e conclusão deste trabalho. Sou-lhe grata pela paciência e sinceridade, e por se revelar uma professora exemplar, compromissada com o ofício que desempenha. Obrigada por todas as orientações, pelas inúmeras e preciosas indicações bibliográficas e por todos os ensinamentos, lições que, certamente, aperfeiçoaram minha percepção e aprendizado.

Aos demais professores da banca Prof. Dr. Paulo Bungart Neto, Prof. Dr. Edgar César Nolasco dos Santos e Profa. Dra. Zélia R. Nolasco dos Santos Freire pelas contribuições que ajudaram enriquecer esse trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras, nas pessoas de todos os docentes da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras. Em especial, aos professores da área de Literatura e Práticas Culturais. Minha gratidão pela indicação de leituras significativas e por terem, além de conhecimento, compartilhado experiências de forma a revelar, em muitos momentos, a grandeza de exercer a docência de uma forma comprometida e prazerosa.

Obrigada!

“ — Así como vos te olvidaste de quiénes sos, yo no puedo olvidar de quién soy, porque olvidarse es morir ”

Susana Gertopán, *El callejón oscuro* (2010, p. 177).

PIRUK, Cynara Almeida Amaral. **Crescer nas margens: memória e identidade cultural em *El callejón oscuro*, de Susana Gertopán.** 99f. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras – Literatura e Práticas Culturais) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados-MS, 2020.

RESUMO

Esta dissertação pesquisa os aspectos da memória e da identidade cultural presentes na obra *El callejón oscuro* (2010), da escritora paraguaia Susana Gertopán. Escolhemos essa autora paraguaia, neta de imigrantes judeus poloneses, pelo fato de suas escritas trilharem o caminho da memória. Susana Gertopán nasceu em Assunção-Paraguai, no ano de 1956, e sua literatura foi publicada em antologias, periódicos e revistas do seu país e do exterior. A obra, *corpus* da presente investigação, permite compreender a representação literária da diáspora de imigrantes judeus no Paraguai, assim como as representações da identidade cultural nessa narrativa. Localizamos, nesse romance, fragmentos de aspectos memorialísticos relacionados à vivência dos imigrantes judeus para compreendermos melhor a identidade cultural sob a perspectiva da memória entre os discursos da literatura e da história. Centrado na área de Literatura e Práticas Culturais, na linha de pesquisa de Literatura e Estudos Regionais, Culturais e Interculturais, este estudo objetiva contribuir para o enriquecimento e a ampliação das formulações teóricas sobre a autora Susana Gertopán. Ressaltamos, por fim, que se trata de uma pesquisa bibliográfica, pautada em referenciais teóricos que contribuíram para a compreensão dos conceitos de memória, a exemplo de Halbwachs (2006), Le Goff (2003), Ricoeur (2007), de identidade cultural, com base nos teóricos Stuart Hall (2000; 2003; 2015), Bhabha (2013), Eneida M. de Souza (1993; 2002), Pizarro (2006), Cunha (2009), entre outros. Os conceitos sobre sujeito feminino e seu corpo como objeto de desejo terão base nos teóricos: Judith Butler (2003); Teresa de Lauretis (1994); Cecil J. A. Zinani (2006); Michelle Perrot (2005; 2008); Thomas Bonnici (2007) e Luciana Borges (2013). *El callejón oscuro* apresenta em sua narrativa traços da cultura dos judeus imigrantes e do povo paraguaio e contribui de forma enriquecedora para a fortuna crítica das pesquisas relacionadas à literatura de Susana Gertopán. Ademais, compreendemos que esta literatura memorialística apresenta os traços que compõem as identidades híbridas latino-americanas.

Palavras-chave: Susana Gertopán, Literatura Paraguaia, Estudos Culturais, Memória, Identidade Cultural, Autoria Feminina, Hibridismo Cultural.

RESUMEN

Esta tesis de maestría investiga los aspectos de la memoria y la identidad cultural presentes en la obra *El callejón oscuro* (2010), de la escritora paraguaya Susana Gertopán. Elegimos a esta autora paraguaya, nieta de inmigrantes judíos polacos, porque sus escritos recorren el camino de la memoria. La escritora nació en Asunción-Paraguay en 1956, y su literatura ha sido publicada en antologías, publicaciones periódicas y revistas de su país y el extranjero. El trabajo literario, *corpus* de la presente investigación, nos permite comprender la representación literaria de la diáspora de inmigrantes judíos en Paraguay, así como las representaciones de identidad cultural en esta narrativa. Nuestro objetivo es encontrar, en esta novela, fragmentos de aspectos memorialísticos e históricos sobre la experiencia de los inmigrantes judíos, para comprender mejor la identidad cultural desde la perspectiva de la memoria entre los discursos de la literatura y la historia. Centrado en el área de Literatura y Prácticas Culturales, en la línea de investigación de Literatura y Estudios Regionales, Culturales e Interculturales, este estudio tiene como objetivo contribuir al enriquecimiento y expansión de las formulaciones teóricas sobre la autora Susana Gertopán. Finalmente, enfatizamos que esta es una investigación bibliográfica, basada en referencias teóricas que contribuyen a comprender los conceptos de memoria, como Halbwachs (2006), Le Goff (2003), Ricoeur (2007), y de identidad cultural, con base en los teóricos Stuart Hall (2000; 2003; 2015), Bhabha (2013), Eneida M. de Souza (1993; 2002), Pizarro (2006), Cunha (2009), entre otros. Los conceptos sobre el sujeto femenino y su cuerpo como objeto de deseo se basarán en los teóricos: Judith Butler (2003); Teresa de Lauretis (1994); Cecil J. A. Zinani (2006); Michelle Perrot (2005; 2008); Thomas Bonnici (2007) y Luciana Borges (2013). *El callejón oscuro* presenta en su narrativa huellas de la cultura de los inmigrantes judíos y del pueblo paraguayo y contribuye de manera enriquecedora a la fortuna crítica de la investigación relacionada con la literatura de Susana Gertopán. Además, entendemos que esta literatura memorialística presenta las características que conforman las identidades híbridas latinoamericanas.

Palabras clave: Susana Gertopán, Literatura Paraguaya, Estudios Culturales, Memoria, Autoría Femenina, Hibridismo Cultural.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A autora Susana Gertopán	19
Figura 2 - Capa do livro <i>El callejón oscuro</i>	35
Figuras 3 e 4 – Mercado Municipal nº 4 e Avenida.	58

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
CAPÍTULO 1. SUSANA GERTOPAN: UMA ESCRITORA ARCONTE	19
1.1 Literatura e memória: a arte de traduzir histórias	20
1.2 A arconte Susana Gertopán	28
CAPÍTULO 2. <i>EL CALLEJÓN OSCURO</i>: UM AMBIENTE PLURAL	35
2.1 A comunidade judaica no contexto do Paraguai: um gueto sul-americano.....	36
2.2 Identidade cultural: crescer e viver nas margens.....	45
2.3 <i>El callejón oscuro</i> : um ambiente plural	52
CAPÍTULO 3. CRUZANDO AS MARGENS	58
3.1 Gueto: a representação judaica	59
3.2 A representação da mulher: o sujeito feminino	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	85
ANEXO A. Obras literárias escritas por Susana Gertopán em ordem cronológica.....	93
ANEXO B. Dois contos de Susana Gertopán	99

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*“En verdad, no sé si te escribiré
sobre mis mentiras o sobre mis verdades.”*

Susana Gertopán, *El callejón oscuro* (2010, p. 16).

Esta dissertação de mestrado em Letras foi realizada com base na área de Literatura e Práticas Culturais, que segue a linha de pesquisa Literatura e Estudos Regionais, Culturais e Interculturais, a qual estuda a Literatura e a Cultura no que tange às relações entre a diversidade dos espaços culturais e de diferentes temporalidades, a partir dos Estudos Culturais, Regionais e da Literatura Comparada. Esta pesquisa traz uma diversidade de abordagens teóricas, não apenas dos Estudos Culturais, mas também de outros estudos até mesmo antagônicos, porém o objeto desta dissertação possui uma riqueza de temáticas que permite esse hibridismo conceitual. Para a presente pesquisa foi selecionado como *corpus* de análise a obra *El callejón oscuro* (2010), da autora paraguaia Susana Gertopán. A escolha desse tema, sobre memória e identidade cultural, é decorrente de minhas vivências e da construção da minha própria identidade¹. A ideia de elaborar esta pesquisa de mestrado é decorrente de minha experiência como professora ao lecionar as disciplinas Língua Portuguesa, Língua Espanhola e Artes no ensino fundamental, médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA), nas escolas municipais e estaduais de Dourados-MS, de 2008 a 2014, além da disciplina de Língua Espanhola no curso de Letras na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), em 2013. Some a isto minhas ligações parentais com paraguaios, o fato de ter nascido em Dourados, região próxima à fronteira Brasil-Paraguai, me fez crescer compartilhando as duas culturas. Não há como negar que a erva mate, o tereré, a chipa e a música paraguaia também fazem parte da cultura de nossa cidade. Eu me lembro que, em minha infância, o meu pai gostava de ouvir músicas paraguaias no rádio e, no final de ano, muitas lojas da cidade também tocavam as músicas natalinas com harpa paraguaia. Meu avô paterno, Antônio Luiz do Amaral, me ensinou algumas palavras na língua guarani. Meu interesse em aprender o espanhol me levou a cursar Licenciatura em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Espanhola, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), de 2004 a 2007. Foi no curso de graduação que tive meu primeiro contato com a literatura espanhola e hispano-americana.

No ano de 2013, em uma típica viagem de compras no Paraguai, na cidade de Pedro Juan Cabalero, li pela primeira vez sobre a autora Susana Gertopán, folheando uma revista me deparei com uma reportagem sobre literatura e a autora paraguaia de

¹ Optei por utilizar a 1ª pessoa do singular nas Considerações Iniciais, a fim de especificar minha formação e vivências que acabaram tomando forma nesta dissertação. A partir do primeiro capítulo, será utilizada a 1ª pessoa do plural, a fim de justificar a verbalização de uma reflexão desenvolvida juntamente com a orientadora.

descendência judaica. Naquela época, eu estava fazendo o curso de especialização em Letras, na área de Estudos Literários na UEMS. Procurei saber mais sobre essa autora, mas meus professores não a conheciam e tampouco encontrei informações sobre ela na internet. Em 2018, quando me preparava para a seleção do mestrado na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), tive a feliz surpresa em saber que a Profa. Dra. Alexandra Santos Pinheiro estava desenvolvendo projetos de pesquisa sobre essa autora.

Por isso, escolhemos uma obra literária de Susana Gertopán para esta dissertação, cuja relevância está na possibilidade de verificar os relatos do memorialismo e a representação da identidade cultural pela perspectiva do estudo de obras de autoria de mulheres, contribuindo para o enriquecimento e ampliando as formulações teóricas sobre os Estudos Culturais e outros estudos. Além disso, a divulgação dos resultados das pesquisas em artigos e em eventos científicos, contribuirá para que a escritora Susana Gertopán, pouco conhecida no Brasil, tenha mais visibilidade. Sobre o estado da arte, de acordo com o Banco de Teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), consultado durante o mês de outubro de 2019, ainda não foi realizada nenhuma pesquisa no nível de mestrado e doutorado acerca da produção literária dessa autora. No Brasil, a professora Alexandra Santos Pinheiro deu início aos estudos sobre Susana Gertopán e já publicou várias pesquisas, sendo um livro, três capítulos de livros e quatro artigos de periódicos sobre a autora paraguaia e suas obras.

Susana Gertopán escreveu contos que foram publicados em antologias, periódicos, e revistas nacionais (Paraguai) e internacionais. Muitos de seus textos também estão em textos didáticos editados pelo Grupo Editorial Santillana (Espanha) que são utilizados em cursos de literatura, nos colégios de ensino médio do Paraguai, pois várias de suas obras são utilizadas como textos de estudos nas cátedras de literatura de diferentes escolas públicas e privadas do seu país. Críticos literários e professores paraguaios como o Dr. Carlos Martini, Prof. Dr. Roque Vallejos, Osvaldo González Real, Prof. Dr. Enique Marini Palmieri escreveram críticas literárias sobre sua literatura.

Carla Fernandes, professora universitária (América Latina) na Université Bordeaux Montaigne (França), autora de numerosos artigos sobre cultura e literatura latino-americana, publicou ensaios sobre as narrativas de Susana Gertopán, na revista *Caravelle* da Universidade de Toulouse II Le Mirail. Debora Cordeiro Rosa é professora na Universidade de Orlando (EUA) e publicou o livro *Trauma, Memory and Identity in Five Jewish Novels from the Southern Cone* (2012), um ensaio sobre a obra *Barrio Palestina* (1998), de Susana Gertopán. Sonia Stembauwe, professora de Literatura

Latino-americana nas universidades da Alemanha e Suíça, apresentou um ensaio sobre a “Literatura del Exilio”, com base nas obras da autora em um simpósio em Lyon (França).

Susana Gertopán já publicou onze romances (ver Anexo A) e dois contos em língua espanhola (ver Anexo B), alguns foram publicados em outros idiomas como o inglês e o alemão. Até agora nenhuma de suas obras foi publicada em português. Mulher, latino-americana, neta de imigrantes judeus poloneses, Gertopán apresenta narrativas que trazem suas marcas culturais e muitas memórias de imigrantes judeus que fugiram do Holocausto.

A narrativa *El callejón oscuro* (2010) inicia com uma troca de cartas entre primos. O livro totaliza vinte e oito capítulos. No primeiro, Ariel escreve para seu primo José, pedindo ajuda para relembrar um fato marcante e assustador ocorrido com eles no *callejón oscuro* (“beco escuro”, em português), em Assunção, quando eram adolescentes. José é o protagonista e o narrador da história e responde à carta a partir do segundo capítulo que, assim como os demais, são anotações e cartas escritas em resposta ao seu primo. A obra está ambientada no período da ditadura no Paraguai, o que levava o povo a viver um autoexílio. José nasceu em Assunção, Paraguai, mas toda sua família era de imigrantes judeus poloneses — seus avós haviam saído da Polônia entre as duas grandes guerras mundiais —, mas, apesar de buscar exílio naquele país, vivia com medo do governo e sentia muitas saudades de sua pátria.

José então rememora o período de sua adolescência, a vida cotidiana no bairro Pettirossi, em Assunção, onde viviam os imigrantes judeus. Também se recorda de como era seu relacionamento com seus pais, com os amigos do bairro, suas descobertas e novas amizades do Mercado 4.

Os pais de José tinham uma loja onde vendiam roupas. Os imigrantes que se instalaram naquele bairro abriram seus comércios, mas se mantinham ilhados em sua cultura, tradição, língua, religião e memórias traumáticas. Desobedecendo aos conselhos de seus pais, o protagonista ousa atravessar a avenida principal do seu bairro para conhecer o Mercado 4 (do lado paraguaio), onde encontrou outros comerciantes, camponeses paraguaios e indígenas, que lhe apresentaram um novo mundo cheio de riquezas culturais.

Naquele mercado, os paraguaios também viviam exilados: os camponeses com seu idioma guarani e pobreza; os indígenas com seu idioma maacá, seus artesanatos, com abandono e miséria. Lá eles se reuniam para vender suas ervas medicinais, trabalhos manuais e alimentos. A avenida que separa o bairro Pettirossi do Mercado 4 representa

uma fronteira física e psicológica que divide as duas culturas (judeus x paraguaios). Ao cruzar as margens, José aprende outras línguas indígenas, descobre as ervas medicinais e faz novas amizades com paraguaios.

Do outro lado da avenida também existia o *callejón oscuro*, um lugar de comércio ilegal, prostituição, abusos e miséria humana. José é atraído para esse lugar misterioso e proibido, e ao se relacionar com aquelas pessoas, o rapaz se compadece e tenta ajudá-los. O final da narrativa informa que José, ao se tornar adulto, decidiu trabalhar no beco escuro, onde abriu um consultório de terapia e medicina alternativa.

A autora paraguaia tem, em suas obras, a visão de preservação da memória e da identidade cultural. Essa visão é apoiada por Le Goff, ao definir memória como “propriedade de conservar certas informações”, de forma que “remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (2003, p. 423). Susana Gertopán escreve as memórias vivenciadas por ela e por seus familiares, ela também atribui a devida importância à preservação e ao cultivo da memória. E através dessa obra memorialística, *El callejón oscuro*, traz a representação da identidade cultural do seu povo, tanto dos imigrantes quanto dos paraguaios.

Com a globalização, as imigrações, as diásporas, as mudanças nos papéis sociais e as inovações do pensamento filosófico, as pessoas estão mudando sua percepção de sujeito e se abrindo às possibilidades para reconhecerem o pertencimento a várias culturas e ideologias simultaneamente.

De acordo com Hall, “esse duplo deslocamento — descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos — constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo” (HALL, 2015, p. 10). O teórico afirma que a crise de identidade faz parte de um “processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2015, p. 9). É por meio dessa crise de identidade que o sujeito se transforma, obtendo outras identidades, às vezes contraditórias.

Na narrativa literária, o personagem José passa pelo processo de transformação como sujeito social, reconhecendo e assumindo sua identidade cultural não apenas como um imigrante europeu judeu, mas também como paraguaio. As múltiplas identidades culturais são características dos indivíduos pós-modernos e as representações desses aspectos podem ser observadas nas literaturas pós-coloniais.

Portanto, o objetivo geral desta pesquisa é analisar a obra *El callejón oscuro*, de Susana Gertopán, pelo viés dos Estudos Culturais e outros estudos bem como a questão do feminino e o hibridismo cultural. Tendo como objetivos específicos: a) compreender as particularidades da cultura judaica e a presença desta comunidade no Paraguai; b) identificar as representações da memória e da identidade cultural na obra, a fim de verificar a construção da memória coletiva e individual pela perspectiva do imigrante que vivencia a cultura paraguaia; c) oportunizar a difusão da obra de Susana Gertopán para o enriquecimento e a ampliação das formulações teóricas sobre os Estudos Culturais, os estudos Pós-Coloniais e a Literatura de Autoria Feminina.

A abordagem teórico-metodológica adotada para essa pesquisa é a bibliográfica. Após a delimitação do *corpus*, por meio da leitura e releitura do romance *El callejón oscuro*, serão consultados materiais teóricos que versam sobre temas de cunho históricos, e/ou que tratam de conceitos ligados à memória e à identidade cultural, aos costumes e às culturas paraguaia e judaica de imigrantes no Paraguai.

Nessa perspectiva, a fundamentação teórica se vincula às reflexões sobre os conceitos de memória, a exemplo de Halbwachs (2006), Le Goff (2003), Ricoeur (2007), e de identidade cultural, com base nos teóricos Stuart Hall (2000; 2003; 2015), Bhabha (2013), Eneida M. de Souza (1993; 2002), Pizarro (2006), Cunha (2009), entre outros.

Para a sistematização dos resultados, esta dissertação está organizada em três capítulos. Assim, o primeiro, “Susana Gertopán: uma escritora arconte”, aborda as reflexões teóricas sobre literatura e memória, bem como informações sobre Susana Gertopán. O segundo capítulo, “*El callejón oscuro*: um ambiente plural”, apresenta algumas considerações sobre a comunidade judaica no Paraguai, uma contextualização sócio-histórica; também aborda sobre a teoria da identidade cultural e as múltiplas identidades; e uma reflexão crítica sobre a obra. O último, “Cruzando as margens”, traz as análises dos relatos de memória e as microrrelações que a obra destaca; da representação da identidade cultural judaica; como também da representação da mulher no romance.

As memórias coletivas e sociais dos imigrantes judeus e da sociedade paraguaia, vivenciadas no período pós-guerra, foram salvas do esquecimento através da escrita de Susana Gertopán. Desejo que as análises dessa obra de literatura paraguaia, escolhida como objeto de pesquisa desta dissertação, proporcionem muitas descobertas e contribuam para nossa identificação como povo latino-americano:

[...] América Latina é deveras heterogênea e singular em aspectos que ao mesmo tempo a une e a divide. É uma concepção de território que sua denominação sugere e que não encontra contornos nítidos capazes de aclarar a visão mesmo a mais obnubilada [...]. (GONZAGA; BARZOTTO, 2014, p. 87).

Os latino-americanos são habitantes dos países da América do Sul, América Central e México; são multiétnicos, de grande diversidade cultural e linguística, sendo considerados desde os povos indígenas das Américas até a grande miscigenação, que são resultados de processos de colonização e ondas migratórias dos povos de outros continentes. E é esse hibridismo cultural que Susana Gertopán apresenta em *El callejón oscuro* (2010).

CAPÍTULO 1

SUSANA GERTOPAN: UMA ESCRITORA ARCONTE

*“Lo único que sé es que yo necesito escribir,
yo necesito contar, necesito expresar,
yo no podría más vivir sin escribir.”*

Susana Gertopán (apud PINHEIRO, 2017a, p. 158).

Figura 1 - Susana Gertopán.



Fonte: ABC Color (2016).

Neste capítulo, apresentamos dois tópicos. No primeiro, fazemos uma reflexão sobre a literatura memorialística e as teorias sobre memória, baseadas nos estudiosos como: 1) Jacques Le Goff: definições sobre memória, destacando a sua importância e inter-relações; 2) Maurice Halbwachs: o conceito de memória coletiva, criado por ele; 3) Paul Ricoeur: a fenomenologia da memória e demais conceitos ligados a ela.

No segundo tópico, temos uma reflexão sobre Susana Gertopán como uma escritora arconte, baseada na teoria de Jacques Derrida. Neste tópico, lembramos também que se trata de uma autoria de mulheres e apresentamos algumas informações sobre a autora, suas obras e premiações literárias.

1.1 Literatura e memória: a arte de traduzir histórias

A memória é uma reelaboração presente que nos remete ao passado e é na literatura que a memória e a ficção se misturam. Desse modo, a literatura se apresenta como novas formas artísticas de traduzir histórias. Nos estudos literários, durante muito tempo, existia apenas a Crítica Literária Tradicional, assim a Crítica Literária Contemporânea veio contribuir ao reconhecer e aceitar literaturas de diferentes grupos culturais e gêneros literários, formando um novo cânone. A Crítica Literária Contemporânea é recente, surgiu no período do pós-guerra, pois houve uma necessidade de criar novas maneiras de contar a história para a preservação da memória. Nessa nova perspectiva, surge a escola dos Estudos Culturais, sendo Stuart Hall um dos principais teóricos. A reformulação da historiografia literária latino-americana, através de pesquisadores como Antonio Candido, no Brasil, e Ana Pizarro, no Chile, tem dado abertura para a ampliação dos Estudos Culturais e dos Estudos Literários (PIZARRO, 2006). Uma das tendências da literatura contemporânea é o memorialismo, bem como o estudo de literatura de autoria feminina. Dentro dessa diversidade literária dos Estudos Culturais, temos espaço para ser contada essa história: *El callejón oscuro*, de Susana Gertopán.

Sabemos como as grandes guerras afetaram as pessoas e fizeram com que se deslocassem de seus lugares. Muitos imigrantes que chegaram na América Latina no século XX estavam fugindo da guerra e entre suas bagagens trouxeram suas memórias. Neta de imigrantes judeus, o memorialismo é uma característica marcante na narrativa de Susana Gertopan e está presente em seus romances. Uma definição de gênero

memorialístico é apresentada pelo professor José Carlos da Costa, em seu artigo “O gênero memorialístico na literatura e na cultura: reconstrução da experiência humana”:

[...] insere-se no estatuto de textos referenciais que relatam a trajetória de uma vida, são documentos que “servem”, inicialmente, à história. O que possibilita o seu estudo no conjunto da literatura ficcional é a força da linguagem de alguns textos e sua capacidade de se imporem como discurso esteticamente elaborado. É na recriação, na transformação da rememoração em linguagem que surge a “oportunidade poética”. É enquanto produção de linguagem que o relato memorialístico ultrapassa o seu caráter histórico e se vê como ficção (COSTA, 2017, p. 50).

Assim, compreendemos que o gênero memorialístico faz uma releitura do passado, utilizando-se da arte literária para transformar acontecimentos e lembranças em ficção. O professor Paulo Bungart Neto é um pesquisador da memorialística da região do estado de Mato Grosso do Sul. Ele destaca que é o narrador quem evoca o passado, dando-lhe novos significados:

O gênero memorialístico lida enfim com o passado apenas a partir da perspectiva presente, que é, em todo caso, onde se “situa” o narrador que procede à rememoração, cabendo a este relembra, imaginar e readaptar a realidade passada à realidade do momento em que escreve, conferindo novos valores e símbolos às imagens evocadas (BUNGART NETO, 2014, p. 53).

É interessante observar que Bungart Neto apresenta o narrador como agente da transformação do passado histórico em ficção. Não o escritor, pois o gênero memorialístico não é exclusivamente autobiográfico. No caso da obra *corpus* de nossa pesquisa, *El callejón oscuro*, é o protagonista José quem narra a história. Apesar de as obras de Susana Gertopán serem baseadas em suas memórias de infância e na memória coletiva de seu povo, os protagonistas-narradores são, em grande maioria, masculinos e não femininos. A autora justifica: “Quizás porque mucha de mi narrativa cuenta la tradición judía y se necesita de un varón para contar la tradición, las mujeres no son tan activas dentro de la tradición judía.” (PINHEIRO, 2017a, p. 166-167).

Com o intuito de não cometermos os mesmos erros do passado, a memória nos faz recordar e (re)viver alguns acontecimentos. Sem dúvida, a importância da literatura memorialística está em recuperar a memória — seja individual ou coletiva — do passado e preservá-la.

Dentro das ciências humanas, temos três importantes referências para debater o assunto: 1) Jacques Le Goff (1924-2014) apresenta algumas definições sobre memória, destacando a sua importância e inter-relações; 2) Maurice Halbwachs (1877-1945)

contribui, especialmente, com os estudos do conceito de memória coletiva, criado por ele; 3) Paul Ricoeur (1913-2005) tece uma reflexão sobre a fenomenologia da memória e demais conceitos ligados a ela.

Jacques Le Goff, em seu livro *História e Memória* (2003), traz o conceito como sendo “onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (2003, p. 477). O historiador também aborda a relevância dos estudos da memória e suas inter-relações:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. [...]. Deste ponto de vista, o estudo da memória abarca a psicologia, a psicofisiologia, a neurofisiologia, a biologia e, quanto às perturbações da memória, das quais a amnésia é a principal, a psiquiatria [...]. Certos aspectos do estudo da memória, no interior de qualquer uma destas ciências, podem evocar, de forma metafórica ou de forma concreta, traços e problemas da memória histórica e da memória social [...] (LE GOFF, 2003, p. 423).

Le Goff mostra que o estudo da memória pode estar ligado às várias ciências que nos remetem à memória histórica e à memória social. Apesar de não ter sido citada, a literatura memorialística também contribui expressivamente com os estudos da memória. O comportamento narrativo é o ato mnemônico fundamental, pois parte de um relato testemunhal. Desse modo, o historiador destaca a importância do ato mnemônico, pois o comportamento narrativo se caracteriza por sua função social. A linguagem é produto da sociedade e o comportamento narrativo tem o papel social de, através da linguagem falada e da escrita, armazenar nossa memória. É através da utilização da linguagem que temos a oportunidade de utilizar outras possibilidades para registrar e armazenar nossas lembranças em livros e bibliotecas.

Sendo assim, compreendemos que o “comportamento narrativo” é uma função social em que o ato mnemônico ocorre com o intuito de exercer a comunicação. Podemos observar que tanto a linguagem falada quanto a escrita são meios de preservar nossa memória. Deduzimos que essa também era a intenção de Susana Gertopán ao escrever as memórias vivenciadas por ela e por seus familiares. Seu ato mnemônico, ao narrar as memórias dos imigrantes judeus no Paraguai, contribui para a preservação da memória coletiva daquele grupo social.

É válido recuperar a reflexão do historiador francês acerca do valor da memória coletiva. Segundo Le Goff, no século XX, houve a expansão da memória social (também chamada de memória coletiva) no campo da filosofia e da literatura: “A memória coletiva sofreu grandes transformações com a constituição das ciências sociais e desempenha um papel importante na interdisciplinaridade que tende a instalar-se entre elas” (LE GOFF, 2003, p. 472). O estudo da memória coletiva abarca várias ramificações das ciências humanas e desempenha um papel social relevante em vários níveis: “a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando, todas, pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção” (LE GOFF, 2003, p. 475). A memória coletiva está presente em todos os grupos sociais e constitui sua força, representação histórica e é a garantia de não serem esquecidos. Segundo Le Goff, o poder de dominação das sociedades históricas pertencia aos senhores da memória e do esquecimento. “Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva” (LE GOFF, 2003, p. 426).

O estudo da memória social é relevante para discutir os problemas do tempo e da história. Nesse sentido, é essencial o estudo da memória coletiva e, para tanto, não podemos deixar de mencionar o sociólogo Maurice Halbwachs (2006), o criador desse conceito. Halbwachs explica que a memória coletiva é construída e se mantém enquanto houver indivíduos que se lembrem daqueles fatos. Segundo o teórico, as lembranças dos eventos e das experiências estão no primeiro plano da memória de um grupo e elas se destacam, pois dizem respeito à maioria de seus membros e resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos. No entanto, passam para o segundo plano as lembranças que estão relacionadas a um número muito pequeno de pessoas e às vezes a um único de seus membros. (Cf. HALBWACHS, 2006).

Podemos compreender que a memória coletiva é a junção de memórias de grupos com vivências em comum, são aquelas lembranças que estão em primeiro plano. As lembranças, as experiências e os relacionamentos com outros grupos contribuem para que a memória coletiva seja construída. Nesse sentido, Halbwachs adverte:

Contudo, se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que

este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (HALBWACHS, 2006, p. 69).

Assim, compreendemos que a memória individual é o que nós conseguimos gravar de nossa vivência, é um olhar particular sobre a memória coletiva. O sociólogo afirma que cada pessoa pertence, ao mesmo tempo ou sucessivamente, a muitos grupos sociais, que se dividem e se contraem no tempo e no espaço. Cada sociedade possui sua memória coletiva e sua particularidade, mas são nos pequenos grupos que a memória coletiva tem maiores possibilidades de permanecer:

Nessas sociedades surgem tantas outras memórias coletivas originais, e por algum tempo mantêm a lembrança de eventos que só têm importância para elas, mas interessam tanto mais porque seus membros não são muitos numerosos. É fácil ser esquecido numa grande cidade, mas os moradores de uma aldeia não param de se observar, e a memória e seu grupo registra fielmente tudo o que se pode observar em fatos e gestos de cada um, porque eles reagem e influenciam toda essa pequena sociedade e contribuem para modificá-la (HALBWACHS, 2006, p. 100).

Maurice Halbwachs explica a diferença entre memória coletiva e história, pois, na realidade, no contínuo desenvolvimento da memória coletiva, “não há linhas de separação claramente traçadas, como na história, mas apenas limites irregulares e incertos” (HALBWACHS, 2006, p. 104). Essas múltiplas possibilidades das memórias coletivas permitem que a literatura memorialística apresente a narrativa de vários grupos sociais e em várias perspectivas.

O filósofo francês Paul Ricoeur, em seu livro *A memória, a história, o esquecimento* (2007), apresenta outros aspectos e relações da memória. Inicialmente a memória tem como função específica o “acesso ao passado” (2007, p. 25). O filósofo defende que se deve proceder uma dissociação da imaginação e da memória:

[...] Sua ideia diretriz é a diferença, que podemos chamar de eidética, entre dois objetivos, duas intencionalidades: uma, a da imaginação, voltada para o fantástico, a ficção, o irreal, o possível, o utópico; a outra, a da memória, voltada para a realidade anterior, a anterioridade que constituía marca temporal por excelência da “coisa lembrada”, do “lembrado” como tal (RICOEUR, 2007, p. 25-26).

Se a imaginação está ligada ao fantástico e à ficção, e a memória está ligada à realidade passada, então podemos afirmar que a literatura memorialística é a união da

memória e da imaginação, e resulta das relações sociais como uma expressão cultural. O pensador também explica que há diferenças entre rememoração e imaginação, e que o ato da memória é anterior à formação da lembrança:

A permanente ameaça de confusão entre rememoração e imaginação, que resulta desse tornar-se-imagem da lembrança, afeta a ambição de fidelidade na qual se resume a função veritativa da memória. E no entanto... [...]. E no entanto, nada temos de melhor que a memória para garantir que algo ocorreu antes de formarmos sua lembrança. A própria historiografia, digamo-lo desde já, não conseguirá remover a convicção, sempre criticada e sempre reafirmada, de que o referente último da memória continua sendo o passado, independentemente do que possa significar a preteridade do passado (RICOEUR, 2007, p. 26).

A rememoração é o ato de evocar uma recordação de algo que já aconteceu. A imaginação tende a preencher os espaços da memória, especialmente quando se trata de narrativas de vivências de terceiros. O ato da memória, como fenômeno psíquico, antecede à lembrança, pois só podemos nos lembrar daquilo que temos “gravado” em nossa memória. Ricoeur discorre sobre a importância do testemunho na transição da memória para a história:

Para falar sem rodeios, não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou *antes* que declarássemos nos lembrar dela. Os falsos testemunhos [...] só podem ser desmascarados por uma instância crítica cujo único recurso é opor aos testemunhos tachados de suspeitos outros testemunhos reputados mais confiáveis. Ora, como será então demonstrado, o testemunho constitui a estrutura fundamental de transição entre a memória e a história (RICOEUR, 2007, p. 40-41, grifo do autor).

No processo da busca pela história real, o historiador parte de vários testemunhos que corroboram na formação de uma memória coletiva, refutando os falsos testemunhos. Dessa forma, a memória coletiva também se torna história. Com base no estudo da fenomenologia do pensador alemão Edmund Husserl, o filósofo francês Paul Ricoeur faz distinção entre rememoração e lembrança, utilizando dois termos husserlianos, *noese* (a captação do objeto pela consciência na operação do pensamento) e *noema* (o objeto visado pela consciência humana)²:

² **NOEMA** (ai. *Noema*). Na terminologia de Husserl, o aspecto objetivo da vivência, ou seja, o objeto considerado pela reflexão em seus diversos modos de ser *dado* (p. ex., o percebido, o recordado, o imaginado). O N. é distinto do próprio objeto, que é a coisa; p. ex., o objeto da percepção da árvore é a árvore, mas o N. dessa percepção é o complexo dos predicados e dos modos de ser dados pela experiência:

A primeira expressão do caráter fragmentado dessa fenomenologia deve-se ao próprio caráter objetual da memória: lembramo-nos de alguma coisa. Neste sentido, seria preciso distinguir, na linguagem, a memória como visada e a lembrança como coisa visada. Dizemos a memória e as lembranças. [...] É nesse sentido que falo das “coisas” passadas. Uma vez que, na memória-lembrança, o passado é distinto do presente, fica facultado à reflexão distinguir, no seio do ato de memória, a questão do “o que?” da do “como?” e da do “quem?” [...]. Em terminologia husserliana, essa distinção se dá entre a noese, que é a rememoração e o noema, que é a lembrança (RICOEUR, 2007, p. 41).

No ato da memória ocorre a rememoração, que é a captação do objeto pela consciência, e a lembrança, que é o modo como aquele objeto está registrado em nossa mente. A operação do pensamento no ato da memória é tão rápida que mal percebemos a diferença entre esses fenômenos.

Paul Ricoeur contribui com a teoria da memória individual e coletiva de Halbwachs, por meio da teoria da *tríplice atribuição da memória*: a si (individual), aos próximos (nível intermediário), aos outros (sociedade, coletivo). Segundo ele, deve ser acrescentado um nível intermediário à teoria inicial, que é a relação com o próximo, essencial no processo da construção da memória. Essa relação com o outro ajuda na construção da memória individual, ao reafirmar as lembranças como indivíduos, assim como na composição da memória coletiva, auxiliando na dinâmica de sua formação. De acordo com o filósofo:

[...]. Não existe, entre os dois polos da memória individual e da memória coletiva, um plano intermediário de referência no qual se operam concretamente as trocas entre a memória viva das pessoas individuais e a memória pública das comunidades às quais pertencemos? Esse plano é o da relação com os próximos, a quem temos o direito de atribuir uma memória de um tipo distinto. Os próximos, essas pessoas que contam para nós e para as quais contamos, estão situados numa faixa de variação das distâncias na relação entre o si e os outros. Variação de distância, mas também variação nas modalidades ativas e passivas dos jogos de distanciamento e de aproximação que fazem da proximidade uma relação dinâmica constantemente em movimento: tornar-se próximo, sentir-se próximo. [...]. Portanto, não é apenas com a hipótese da polaridade entre memória individual e

p. ex., árvore verde, iluminada, não iluminada, percebida, lembrada, etc. (*Ideen*, 1, § 88). O adjetivo correspondente é *noemático*.

NOESE (ai. *Noesis*). Na terminologia de Husserl, o aspecto subjetivo da vivência, constituído por todos os atos de compreensão que visam a apreender o objeto, tais como perceber, lembrar, imaginar, etc. (*Ideen*, I, § 92). O adjetivo correspondente é *noético*. (ABBAGNANO, 2007, p. 713).

memória coletiva que se deve entrar no campo da história, mas com a de uma tríplice atribuição da memória: a si, aos próximos, aos outros. (RICOEUR, 2007, p. 141-142).

É na relação com o próximo que o nosso “eu social” se autoafirma. A nossa relação com o outro coopera com a formação das identidades culturais, formação do sujeito e criação das memórias coletivas.

Paul Ricoeur, no ensaio *O perdão pode curar?* (2005), traz uma reflexão sobre a memória, o esquecimento e o perdão:

Por um lado, o perdão é o contrário do esquecimento de fuga; não se pode perdoar o que foi esquecido; o que deve ser destruído é a dívida, não a lembrança [...]. Mas, por outro lado, o perdão acompanha o esquecimento ativo, aquele que ligamos ao trabalho de luto, e é neste sentido que ele cura. Porque o perdão dirige-se não aos acontecimentos cujas marcas devem ser protegidas, mas à dívida cuja carga paralisa a memória e, por extensão, a capacidade de se projetar de forma criadora no porvir. E é toda a dialética do passado e do futuro que é resposta em movimento, o potente projeto no recurso imenso das promessas não realizadas pelo passado. (RICOEUR, 2005, p. 7).

Para Ricoeur, o perdão, em virtude da sua própria generosidade, se revela ser o cimento entre o trabalho de memória e o trabalho de luto. As vivências, as lembranças se tornam memórias, que transformadas em narrativas podem manter-se vivas, nunca mais esquecidas ao serem eternizadas na literatura, trazendo: informação, conscientização, conciliação, conforto e perdão.

Vale ressaltar que a narrativa, objeto desta pesquisa, está contextualizada no período da Ditadura Militar Paraguaia (1954-1989), que teve a duração de 35 anos, com mortes, disputas políticas e repressão a manifestações. A relevância da representação da memória coletiva está em “alertar” as gerações atuais e vindouras sobre as tragédias do passado. No Brasil, a Ditadura Militar foi instaurada por 21 anos (1964-1985), no entanto, no cenário brasileiro atual, de instabilidade política e de dificuldades econômicas, há muitos protestos e manifestações públicas de descontentamento com o sistema político do país. Lamentavelmente, muitos jovens, usufruindo de sua liberdade política (a democracia), foram às ruas criticar os governantes e manifestar o desejo pela intervenção militar e o retorno do governo ditatorial. Sem dúvida, as novas gerações precisam lembrar-se da história para que, ao cultivar memória coletiva, não repitam os mesmos erros cometidos no século passado. E a grande importância das narrativas memorialísticas está no fato de contribuir para isso, como a obra *El callejón oscuro*.

Podemos concluir, portanto, que Susana Gertopán também atribui a devida importância à preservação e ao cultivo da memória. E, através de *El callejón oscuro*, a escritora representa também a identidade cultural do seu povo, tanto dos imigrantes judeus quanto dos paraguaios.

1.2 A arconte Susana Gertopán

“Lo único que sé es que yo necesito escribir, yo necesito contar, necesito expresar, yo no podría más vivir sin escribir.” (GERTOPÁN apud PINHEIRO, 2017a, p. 158). Essa citação, que colocamos como epígrafe do início deste capítulo, apresenta a confissão, o fascínio, a necessidade e o desejo de Susana Gertopán em escrever suas narrativas, contar através da ficção literária as suas memórias e as memórias coletivas dos imigrantes judeus: Gertopán é uma guardiã de memórias, é uma escritora arconte.

A definição do termo *arconte*, de acordo com Jacques Derrida, em *Mal de arquivo: uma impressão freudiana* (2001), é o nome dado ao cidadão que recebia a função de guardar os arquivos e os documentos oficiais, e que preservava essa memória histórica. A sua própria casa, sua residência familiar, se tornava o local oficial onde se guardava esses documentos. Segundo Derrida, os arcontes foram os primeiros guardiões dos arquivos. Os arcontes não eram apenas responsáveis pela segurança física do depósito e do suporte, também lhes competiam o direito e a competência de interpretar os documentos oficiais. Para Derrida:

Foi assim, nessa domiciliação, nesta obtenção consensual de domicílio, que os arquivos nasceram. A morada, este lugar onde se de-moravam, marca essa passagem institucional do privado ao público, o que não quer sempre dizer do secreto ao não-secreto. (É o que se dá, por exemplo, em nossos dias, quando uma casa, a última casa dos Freud, transforma-se em um museu: passagem de uma instituição a outra). Em tal instituição, os documentos, que não são sempre escritos discursivos, não são guardados e classificados no arquivo senão em virtude de uma topologia privilegiada. Habitam este lugar particular onde a lei e a singularidade se cruzam no privilégio. No cruzamento do topológico e do nomológico, do lugar e da lei, do suporte e da autoridade, uma cena de domicialização torna-se, ao mesmo tempo, visível e invisível. (DERRIDA, 2001, p. 13).

Os arcontes, além de serem os guardiões dos arquivos, de representar a lei, de ter a permissão para interpretar os documentos oficiais, também detinham o poder arcôntico.

Segundo Derrida:

É preciso que o poder arcôntico, que concentra também as funções de unificação, identificação, classificação caminhe junto com o que chamaremos o poder de consignação. Por consignação não entendemos apenas, no sentido corrente desta palavra, o fato de designar uma residência ou confiar, pondo em reserva, em um lugar e sobre um suporte, mas o ato de consignar *reunindo os signos*. [...] A *consignação* tende a coordenar um único *corpus* em um sistema ou uma sincronia na qual todos os elementos articulam a unidade de uma configuração ideal. [...] O princípio arcôntico do arquivo é também um princípio de consignação, isto é, de reunião. (DERRIDA, 2001, p. 13-14, grifo do autor).

Portanto, poder arcôntico consistia em reunir os arquivos, formando um *corpus*, no qual todos os elementos estivessem interligados. Com base na teoria de Jacques Derrida, podemos comparar Susana Gertopán como escritora arconte. Ao narrar e publicar sua literatura, a autora se torna a guardiã das memórias de sua família e do povo judeu que se estabeleceu no Paraguai, pois suas obras trazem as memórias coletivas dessa cultura. Dessa forma, Gertopán contribui para preservar as memórias. Usamos o conceito de arconte para enfatizar o estilo memorialístico presente nas obras da escritora.

No entanto, destacamos que a produção literária de Susana Gertopán não se configura como narrativas autobiográficas. Em outras palavras, são narrativas inspiradas em relatos memorialísticos. Ao escrever e publicar essas histórias a autora paraguaia eterniza lembranças, culturas e identidades.

Beatriz Sarlo, na obra *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva* (2007), fala que a pós-memória:

[...] Trata-se de uma dimensão mais específica em termos de tempo; mais íntima e subjetiva em termos de textura. Como pós-memória se designaria a memória da geração seguinte àquela que sofreu ou protagonizou os acontecimentos (quer dizer: a pós-memória seria a “memória” dos filhos sobre a *memória* dos pais). [...]. (SARLO, 2007, p. 91).

Com base no texto de Salo (2007), compreendemos que a pós-memória tem ligação biográfica, subjetiva e moral, que gera um discurso memorialístico (traumático) que foi mediado pelo testemunho de familiares e/ou fotos, entre outras fontes com

ligações pessoais. Dessa forma, podemos afirmar que pós-memória também é uma característica marcante nas obras de Susana Gertopán.

Reconhecemos a dedicação de Susana Gertopán em escrever suas narrativas, praticamente uma nova publicação a cada ano. Assim sendo, se faz necessário uma reflexão sobre a literatura escrita por mulheres, como também sobre a crítica literária feminista.

De acordo com a professora Elaine Showalter (1994), em seu texto “A crítica feminista no território selvagem”, existem duas formas de crítica feminista. A primeira forma é ideológica, está ligada à leitura feminista e é revisionista da crítica androgênica. Segundo Showalter, a crítica feminista mudou gradualmente para uma investigação consistente da literatura feita por mulheres. A segunda forma é o estudo da mulher como escritora e seus tópicos são: a história, os estilos, os temas, os gêneros e as estruturas dos escritos de mulheres; a psicodinâmica da criatividade feminina; a trajetória da carreira feminina individual ou coletiva; e a evolução e as leis de uma tradição literária de mulheres. A crítica feminista enfatiza as diferenças do gênero feminino, a inscrição do corpo e da diferença feminina na língua e no texto.

A escrita feminina privilegia uma textualidade de vanguarda³, uma produção literária do fim do século XX. Segundo Elaine Showalter, as teorias da escrita das mulheres, atualmente, estão baseadas em quatro modelos de diferença: biológico, linguístico, psicanalítico e cultural. Sobre esses modelos de diferença encontrados na escrita de mulheres, a professora explica que:

Cada um é um esforço para definir e diferenciar as qualidades da mulher escritora e do texto da mulher; cada modelo representa também uma escola de crítica feminista ginocêntrica, com seus textos, estilos e métodos preferidos. Eles se sobrepõem e são mais ou menos sequenciais, no sentido de que cada um incorpora o anterior. (SHOWALTER, 1994, p. 31-32).

³ “Os textos de vanguarda costumam oferecer resistência. Interferem no ritmo da leitura, exigindo seu retardamento. Fazem-no por erosão semântica — chegam à destruição semântica, em casos mais radicais —, recusa à caução do real, contorcionismo sintático, entre outros procedimentos. Embora, estruturalmente, busquem a velocidade — por subtração: cortes, elipses, concisão —, da perspectiva do leitor uma tal operação textual resulta precisamente em seu contrário: a lentidão. Quanto mais o texto economiza, mais o leitor dispense, quanto mais vazios no texto, mais o leitor deve preenchê-los. Os textos de vanguarda afetam, portanto, a temporalidade da leitura, obrigando-a a um ritmo lento, minucioso, concentrado”. (BOSCO, 2004, p. 43).

Elaine Showalter também afirma que nenhuma teoria pode ser um substituto para o conhecimento direto e extensivo dos textos das mulheres. As críticas feministas devem usar os conceitos existentes em relação ao que as mulheres realmente escrevem e não exigir que as autoras escrevam para alcançar um modelo ideológico específico. O estudo da escrita de mulheres deve celebrar a própria diferença.

Em “Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina”, a professora Rita Terezinha Schmidt (1995) traz o conceito de escrita feminina:

De maneira geral, quando se usa a expressão “escrita feminina” quer se referir a texto de autoria feminina escrito do ponto de vista da mulher e em função de representação particularizada e especificada no eixo da diferença. Não se trata, portanto, de nomear um tipo de escrita a partir dela mesma ou de um texto desvinculado da autoria como se fosse uma entidade ontológica e metafísica. [...] a expressão “escrita feminina”, na sua vigência e insistência nesse final do século, ganha, certamente, um estatuto epistêmico nos quadros da cultura ocidental. Ela é uma forma de contestar o caráter misógino ainda presente em critérios de avaliação de textos literários e que levam críticos a referir-se a escritoras usando paradigmas masculinos. (SCHMIDT, 1995, p. 189).

A professora deixa evidente que a expressão “escrita feminina”, de modo geral, se refere à produção própria de mulheres, que têm suas particularidades e também não deixa de ser um ato político que desafia as relações de poder. Pesquisas recentes têm contribuído para a formação de um cânone literário que inclui nomes de mulheres escritoras, resgatando-as do esquecimento.

Neste trabalho de dissertação estudamos a escrita literária de Susana Gertopán, mulher, neta de imigrantes poloneses, judia, latino-americana. Ela nasceu na capital do Paraguai, no ano de 1956, “Descendente de judeus que fugiram da Europa durante a Segunda Guerra Mundial [...]” (PINHEIRO, 2017a, p. 25). Sua literatura foi publicada em antologias, periódicos e revistas do seu país e do exterior, como a revista digital ABC Color, de Assunção:

Rica en descripciones, sus narraciones permiten al lector indagar el mundo en un diálogo brillante y una atmósfera y un color local muy bien logrados. El exilio y el desarraigo también son una constante en la narrativa de esta autora. (ABC..., 2015).

De acordo com Alexandra Santos Pinheiro, “Os livros de Susana Gertopán possibilitam, portanto, perceber, pela memória da autora, a visão feminina frente ao Holocausto, à diáspora e às relações de gênero que marcaram/marcam a cultura judaica” (PINHEIRO, 2017a, p. 28).

A pesquisadora também afirma que as narrativas de Susana Gertopán “constituem uma escrita feminina porque é o ponto de vista de uma mulher que conduz a voz de seus narradores” (2017a, p. 29). No entanto, é preciso reforçar que o foco de suas narrativas é pensar nos dilemas da humanidade e não na discussão das relações de gênero:

Sua literatura fala do exílio, da diáspora e, dentro dessa discussão, cabe ao leitor perceber como se dava (ou como a autora representa) as relações entre gerações, gêneros e culturas (PINHEIRO, 2017a, p. 30).

As obras de Susana Gertopán publicados pela Editora Servilibros — sendo que alguns deles já foram traduzidos para o inglês e para o alemão — são onze: *Barrio Palestina* (1998); *El nombre prestado* (2000); *El retorno de Eva* (2004); *El otro exilio* (2007); *El equilibrista* (2009); *El callejón oscuro* (2010); *El guardián de los recuerdos* (2012); *El fin de la memoria* (2014); *El señor Antúnez* (2015); *Primera Pregunta* (2017); *Todo pasó en setiembre* (2019). (Ver Anexo A). Também possui dois contos publicados: “Una noche especial” (1992); “7285” (1995). (Ver Anexo B)

Apesar do número significativo de obras e da proximidade fronteiriça entre os países, no Brasil não há muitos trabalhos realizados sobre a escritora, conforme demonstramos na introdução desta dissertação. Várias conferências e palestras foram apresentadas por Susana Gertopán no exterior:

- Convidada pela Universidad de Historia de la Habana (Cuba), “Fundación Fernando Ortiz”, para realizar uma conferência sobre a literatura paraguaia e apresentação de seus romances em 2002.
- Simpósio realizado na Universidade de Lyon (França) sobre literatura e exílio em 2010.
- Simpósio na Universidade Sorbona de Paris (França) sobre la literatura e exílio em 2010.
- Em 2010 participou da Feira do Livro em Buenos Aires (Argentina), com apresentação da obra *El Equilibrista* (2009).
- Apresentação da tradução da obra *El callejón oscuro* (2010) para o alemão, em Berlim (Alemanha) em 2012.
- Palestra e apresentação da obra *El fin de la memoria* (2014), na Feira Internacional do Livro em Guadalajara (México), em 2015.

Falando sobre mulheres que escrevem obras de ficção, assim como Susana Gertopán, a inglesa Virgínia Wolf (1985) incentivava outras escritoras a praticarem seu dom criativo no exercício da profissão, destacando a importância de que elas tenham a sua independência financeira, um lugar e tempo apropriado para escrever.

Nesse sentido, em entrevista concedida a Alexandra S. Pinheiro, Susana Gertopán fala sobre as possibilidades de se manter economicamente, ou seja, sobreviver com a profissão de escritora:

Yo no sobrevivo, pero hay un pequeño beneficio económico: la editora, la venta, pero yo no puedo escribir pensando en eso. [...]. Excluida la parte económica, los beneficios de ser escritora son maravillosos, poder contar la historia, crear la historia de alguien, inventar una historia dentro del inconsciente del otro, leyendo en la profundidad del otro, eso es para mí maravilloso. Estoy feliz, muy pocas veces, creo que nunca, solamente para esto porque la palabra felicidad no tiene dimensión y este tema de la creación tampoco tiene dimensión (GERTOPÁN apud PINHEIRO, 2017a, p. 159).

Como vimos, a escritora não vive apenas de suas publicações e apontou outras vantagens para superar o retorno financeiro, como a satisfação pessoal em poder escrever e contar histórias. Ainda em entrevista, Gertopán apresenta os pontos negativos da carreira de escritora:

No hay; bueno no hay en ese aspecto, hay en que me duele los hombros de estar tanto tiempo ante el ordenador, del tiempo que me roba a la misma vida o sea a tus seres queridos, a tu entorno. Hay veces en que estoy escribiendo ocho u doce horas y me aparto de todo. Quien no lo entiende lo puede tomar como un egoísmo, como que el escritor es egoísta. De negativo, sería solamente eso para mí. (GERTOPÁN apud PINHEIRO, 2017a, p. 159).

Susana Gertopán se casou jovem e se divorciou após 16 anos de matrimônio e de dar à luz a três filhos. Depois da separação, ela voltou a estudar, fez faculdade e começou a trabalhar. Susana se tornou independente financeiramente, o que a fez se sentir realizada e inspirada a escrever e a publicar. Paraphrasing Virginia Woolf, podemos afirmar que Gertopán tem um “compromisso com o mundo real” e, assim, “as oportunidades surgiram”, ao se separar Susana Gertopán encontrou espaço para escrever literatura.

Em 2007, a jornalista paraguaia Gloria Giménez Guanes fundou o *Ateneo Cultural Lidia Guanes* e, conseqüentemente, o *Premio Lidia Guanes de Novela Inédita*. O ateneu é uma instituição privada, sem fins lucrativos, que tem como objetivo difundir a cultura paraguaia. A jornalista explica que o nome do ateneu é uma homenagem à sua mãe, “[...] que como tantas mujeres paraguayas, no pudo recibir la educación adecuada durante los largos años de dictaduras y desgobiernos que sufrió el país” (PORTAL..., 2015a).

Em 2010, Susana Gertopán foi a primeira mulher escritora a receber o *Premio Lidia Guanes* pela obra *El callejón oscuro* (2010). Além de ganhar três mil euros e a

impressão de mil exemplares de seu livro pela Editora Servilibro, Susana Gertopán também recebeu passagens de ida e volta para Madri (Espanha), para que fosse divulgada sua obra na Casa de América. Esse evento⁴ de divulgação contava com a presença da autora, da jornalista Glória Giménez e do espanhol José María Pérez (conhecido como Peridis), arquiteto, cartunista, humorista e escritor. Peridis fez uma apresentação bem-humorada de suas impressões acerca da narrativa. Na ocasião também, se encontravam o embaixador do Paraguai na Espanha e o embaixador do Paraguai em Portugal. (EL CALLEJÓN..., 2015).

De acordo com o crítico literário paraguaio, Victorio V. Suárez (2011), após a queda da ditadura Stroessner e o início de uma etapa de consolidação democrática, surge na literatura paraguaia um novo grupo de autores conhecido como a “Generación de la transición” ou a Geração de 90. É nesse período de transição que eles oferecem uma alta produção literária, especialmente na narrativa, onde destacou o Taller de Cuento Breve, que publicou mais de seis antologias de contos e que revelou novos autores da literatura paraguaia, poetas e narradores, dentre os quais está Susana Gertopán.

Para Victorio V. Suárez:

[...] actualmente Susana es una de las más prolíficas escritoras paraguayas y nadie podría negar los méritos que ha conseguido en la novelística, enriquecida por su capacidad creativa y proximidad a los grandes problemas que aquejan a la humanidad. (SUÁREZ, 2011, p. 194).

Ao ganhar o prêmio de literatura paraguaia, Susana Gertopán, recebeu maior notoriedade entre os escritores de sua pátria, entre os autores de língua espanhola, além de ser uma grande representante da literatura de autoria feminina.

⁴ O vídeo desse evento está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IV5ZekM0Wes>>. Acesso em: 16 set. 2019.

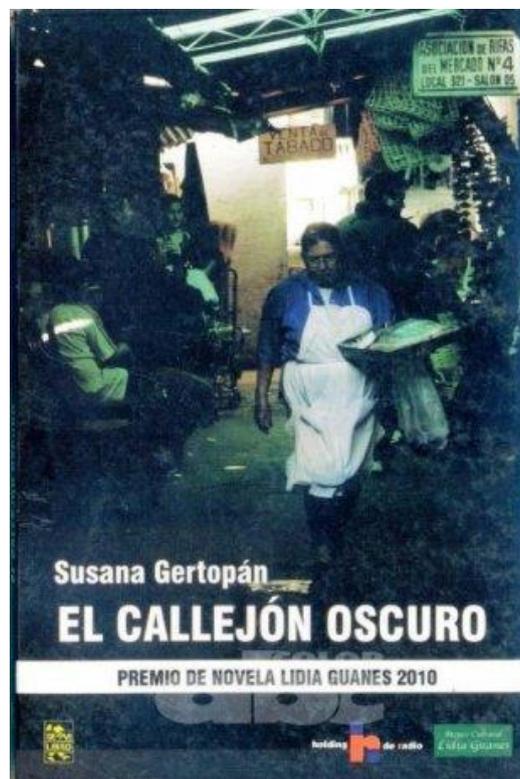
CAPÍTULO 2

EL CALLEJÓN OSCURO: UM AMBIENTE PLURAL

*“En ese Callejón no existían ni cielo ni tierra,
ni grietas por el que acceda, un poco de claridad, ni aire puro.
Dentro de aquella calleja angosta todo se sentía como comprimido:
los alientos, los olores, los ruidos. Las personas y sus pesares seguían
ahí víctimas de aquella opresión, permanecían sepultados
como si se tratase de una tumba.”*

Susana Gertopán, *El callejón oscuro* (2010, p. 143).

Figura 2 - Capa do livro *El callejón oscuro*.



Fonte: Portal Guarani (2015b).

Este capítulo é composto por três tópicos. No primeiro, apresentamos uma contextualização histórico-cultural sobre a chegada dos imigrantes judeus no Paraguai e como se adaptaram à cultura latino-americana. Também observamos algumas características e elementos que compõem a comunidade judaica no Paraguai. Por fim, trataremos sobre o idioma *íidiche* (língua dos imigrantes judeus) e a utilização do termo “gringo” como caracterização do imigrante europeu no Paraguai.

No segundo, faremos uma reflexão teórica sobre o processo de construção de identidades culturais, a diáspora e o entre-lugar, baseadas em estudiosos como: 1) Stuart Hall: identidade cultural e construção do sujeito; 2) Juliana R. Cancian: diáspora; 3) Homi K. Bhabha: hibridismo cultural, entre outros.

No último tópico, apresentamos uma síntese da obra *El callejón oscuro*, observaremos quais características a classificam como literatura de gênero memorialístico e tecemos uma reflexão crítica sobre o conceito de fronteira apresentado por Eduardo F. Coutinho e sua relação com a narrativa.

2.1 A comunidade judaica no contexto do Paraguai: um gueto sul-americano

A obra *corpus* de nossa pesquisa está contextualizada no período histórico em que o ditador Stroessner governava o Paraguai, entre 1954-1989:

Alfredo Stroessner Matiauda gobernó el Paraguay desde el 15 de agosto de 1954 hasta el 3 de febrero de 1989. También conocido como “El Rubio”, “Mburuvicha” y el “Segundo Reconstructor”, fue el jefe de Estado que más tiempo gobernó en la historia de Latinoamérica [...]. Fue también el presidente que gobernó durante más años en la historia paraguaya, y sus casi 35 años de mandato dejaron una marca indeleble en la psique del país. (NICKSON, 2010, p. 265).

Para Andrew Nickson (2010), os mecanismos de sustentação do regime Stroessner foram: uma fachada democrática, um sistema de repressão eficaz; a corrupção institucionalizada, a ideologia nacionalista e o apoio dos Estados Unidos.

O seguinte trecho de *El callejón oscuro* (2010) traz a representação de como o personagem José vivenciava o medo e a falta de liberdade de expressão durante o governo Stroessner:

Cada vez que salía solo para ir al colegio o para realizar algún encargo, mi padre me advertía que tuviese cuidado con quien hablaba, y con los temas que se discutía, no eran tiempos seguros. A la Policía no les

importaba la edad, ni la condición de uno, sencillamente, bajo alguna sospecha te llevaban a prisión y de ahí nadie te sacaba vivo o sin rastros de tortura. (GERTOPÁN, 2010, p. 67).

O medo do governo Stroessner também pode ser considerado mais uma razão para que os judeus paraguaios vivessem isolados em seus guetos, esse era um modo de se protegerem. Assim, a comunidade judaica vivia um autoexílio, como modo de preservar sua cultura e também por causa dos traumas das perseguições políticas que vivenciaram na Europa.

O bairro dos imigrantes judeus delimitava seu o território. Segundo Oliveira (2016, p. 112), o território é “construído por múltiplas relações e interações. Pode ser um conjunto de lugares hierarquizados, interligados por redes, formado por grupos e etnias que mantêm certa ligação”. Desse modo, a territorialidade “se situa na junção de atitudes que englobam, ao mesmo tempo, a fixação e a mobilidade dos lugares”, e a territorialidade humana “envolve uma estratégia espacial para influenciar e controlar recursos e pessoas, por intermédio do domínio de uma área”. (OLIVEIRA, 2016, p. 112-113).

O estudo da territorialidade é a tentativa de um indivíduo ou de um grupo de atingir, influenciar ou controlar pessoas, por meio da delimitação, posto que o território é a expressão dos comportamentos vividos, da constituição do mundo pessoal e intersubjetivo, englobando a relação com o homem e o espaço geográfico (OLIVEIRA, 2016, p. 113).

Em *Él callejón oscuro* (2010), José narra sobre a forma com que os pais o educaram para não atravessar a avenida, pois deveria permanecer dentro das fronteiras “imaginárias” do seu gueto. O rapaz foi incentivado por seus pais a estudar para que, quando crescesse, pudesse voltar ao seu país de origem:

En aquel tiempo, todavía yo no había descubierto el Mercado. Me estaba prohibido cruzar la avenida y llegar hasta él. Tampoco me daban la causa de tal restricción; la negativa era clara y determinante.

No existía lugar para contradicciones, mis padres no eran personas fáciles, abiertas, con quienes uno podía discutir. Era absurdo imaginar que los tres pudiéramos mantener una conversación animada en la que yo intentara demostrarles algún error o alguna equivocación cometidos por ellos. Cualquier tentativa que yo intentara demostrarles algún error o alguna equivocación cometidos por ellos. Cualquier tentativa que yo hiciera en señalar que sus ideas o teorías eran obsoletas, confusas, el resultado era un nuevo enfrentamiento. Por ello, a veces, prefería callar o esconder mis intenciones, mis paseos y mis sueños.

No tenían la predisposición de intercambiar opiniones, ni nada parecido. Aquella imposición para mí injustificada, la de no atravesar la calle para llegar hasta el Mercado, estimulaba aún más mi interés por

saber cuál era el secreto que podía guardar aquel lugar para mí. Mientras, de lejos, yo trataba de adivinarlo, imaginando detalles y sacando conjeturas que me llevaron a descubrir que no tenían ninguna vinculación con la realidad de ese lugar, ni con todo lo que el Mercado podía brindarle a mis sentidos. (GERTOPÁN, 2010, p. 75-76).

A família de José utilizava a estratégia da territorialidade humana para influenciar e controlar seu filho. O protagonista declara que se sentia preso, vivendo um exílio angustiante e que não compreendia as razões que o proibiam de atravessar a rua e conhecer o Mercado do lado paraguaio. Stuart Hall, em *Da diáspora: identidades e mediações culturais* (2003), relata seu próprio sentimento em viver a experiência diaspórica, o exílio e a perda, por ser um caribenho vivendo na Inglaterra:

Conheço intimamente os dois lugares, mas não pertencço completamente a nenhum deles. E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma “chegada” sempre adiada. (HALL, 2003, p. 415).

Com essa declaração, Stuart Hall reconhece que se sente deslocado. Ele vivia um exílio físico, geográfico, por estar longe de sua terra natal, mas também vivia um exílio interior, pois não sentia que pertencia àquele país.

Alexandra Santos Pinheiro apresenta, no artigo “Uma vida entre exílios: os desterramentos geográficos e subjetivos de Gregório Gurstonsky” (2016), uma análise do protagonista da obra *El otro exilio*, de Susana Gertopán, na qual trata sobre os tipos de exílio que o Gregório vivencia: “O protagonista Gregório, aos 75 anos de idade, escreve as suas memórias e descortina uma sequência de exílios, alguns forçados; outros, buscados como fuga de tudo aquilo que era incompreendido pela personagem” (PINHEIRO, 2016a, p. 19). Com base nesse artigo, também pensamos os quatro tipos de exílios abordados em *El callejón oscuro*:

Inicialmente, tem-se o **exílio forçado**: a diáspora, a imigração da família de José para o Paraguai para fugir da Segunda Guerra Mundial e da perseguição nazista antissemita, do Holocausto. O exílio forçado é a fuga pela sobrevivência. A avó materna, mãe e tios saíram da Polônia para encontrar asilo no Paraguai. Essa vivência diaspórica deixou marcas profundas de sentimento de perda e muitas lembranças traumáticas. A narrativa conta que alguns tios realizaram o desejo de voltar para a terra natal e esse também era o sonho dos pais de José para a vida dele.

Em seguida, o **exílio interior voluntário**: o protagonista tem pouco diálogo com seus pais, pela dificuldade para conversar com eles opta por não se abrir e contar sonhos e seus desejos. José sente solidão e tristeza em sua família, pois não o compreendia e não aceitava suas escolhas. O rapaz esconde suas decisões dos seus pais e mente sobre cursar uma faculdade. José também prefere não compartilhar sobre as novas descobertas e aprendizagens ao cruzar a avenida, frequentar o Mercado e fazer amizades com paraguaios e indígenas. Os familiares também vivenciam um exílio interior voluntário, pois se silenciam em suas lembranças traumáticas, não contam para José sobre os perigos e tristezas ocorridos na Polônia.

Em terceiro, o **exílio físico, geográfico**: uma avenida separava o bairro Pettrossi, habitado por imigrantes e comerciantes judeus, do Mercado 4, o local de trabalho dos comerciantes camponeses e indígenas. A avenida representa a fronteira, pois os diferentes grupos culturais não se relacionavam. O exílio físico, neste caso, consistia na proibição que os pais de José lhe impuseram em não poder atravessar a avenida, frequentar o Mercado e se relacionar com grupos sociais distintos dos seus. As consequências do exílio geográfico, portanto, são menos imperativas na vida de José e por isso realizava as constantes fugas para elucidar suas inquietações interiores.

Por fim, o **exílio voluntário**: ao se tornar adulto, o protagonista decide sair do seu bairro e abrir um consultório no beco escuro, afastando-se, assim, de sua família, de seu gueto e aproximando-se de outras culturas. Ele escolhe não voltar para a Polônia e adota o Paraguai como sua pátria.

Esses exílios podem ser melhor compreendidos através do panorama histórico sobre a chegada dos judeus no Paraguai e a estruturação da comunidade ao fundar templos, escolas e sociedades judaicas. Na obra *Los judíos en el Paraguay* (2012), Alfredo Seiferheld relata que, em 1906, ocorreu a primeira imigração coletiva e organizada de judeus no Paraguai. Os primeiros serviços religiosos regulares foram organizados no país a partir de 1913, o Tempo Israelita Latino del Paraguay foi fundado pelos judeus sefarditas (descendentes dos antigos judeus oriundos da Península Ibérica). Em 1916, a congregação sefardita também fundou a Sociedad Alianza Israelita del Paraguay. (SEIFERHELD, 2012).

A comunidade desejava a criação de uma escola judaica no Paraguai, a fim de que as crianças nascidas no país pudessem aprender os rudimentos do hebreu, recebessem instrução religiosa e que de alguma forma não perdessem a cultura ancestral de seus pais. Entre 1924-1925 foi realizada a primeira aula de instrução religiosa e de *íidiche* em

Asunción. No entanto, a Escuela Integral Estado de Israel só foi fundada em 1959, reconhecida pelo Ministerio de Educación y Culto (SEIFERHELD, 2012).

O início da imigração judaica alemã intensiva ao Paraguai ocorreu em 1934 e o número de imigrantes aumentou até o final da década de 1930. Em 1934, os recém-chegados recebiam, ao desembarcar, alguns bilhetes para almoçar por oito dias da Dirección de Tierras y Colonias, além de uma passagem de trem de ida para Villarrica. Nesse mesmo ano, foi criado o Comité de Fomento y Protección a la Inmigración y Colonización Israelita en el Paraguay, assim como a Unión Israelita de Residentes de Polonia, uma Sociedad de Socorros e uma Asociación Sionista. (SEIFERHELD, 2012).

Atualmente, a comunidade judaica no Paraguai conta com cerca de mil membros. De acordo com a matéria “Novo centro judaico é criado no Paraguai”, publicada no site PLETZ.com⁵, que traz notícias do mundo judaico:

[...] mais de 80 por cento [dos membros da comunidade] está afiliado a alguma instituição judaica, mas cuja participação ativa na vida comunitária não supera os 40%. Um dos desafios que enfrentam, segundo Mariano Mirelman, diretor executivo da Comunidade, é atrair a juventude que se mostra apática em participar. (NOVO..., 2010).

O desinteresse dos jovens judeus em participar da comunidade judaica também é representado em *El callejón oscuro* nas ações do protagonista e em sua escolha de não seguir a religião de seus pais. José opta por seguir outras filosofias, além do estudo da cabala judaica.

Uma das características da comunidade judaica, além da delimitação do seu território e religião, era a língua judaica. José relata que falavam *íidiche* em casa e sua mãe se recusando a falar a língua espanhola. Vale lembrar que o *íidiche* é a língua familiar dos judeus na Europa oriental. De acordo com Heinrich A. W. Bunse (1983):

O *íidiche* era falado, antes da Segunda Guerra Mundial, por mais de doze milhões de pessoas na Europa Oriental, nos Estados Unidos e na América do Sul. Hoje, porém, após o massacre de milhões de judeus nos campos de concentração dos nazistas — não excluídas as perseguições por parte dos soviéticos —, o *íidiche* está na defesa e parece condenado à morte, tanto mais porque o estado de Israel, desdenhando o *íidiche* por ser um produto do exílio (*galút*), adotou o hebraico como língua oficial — embora todos os seus fundadores estivessem o *íidiche* como língua materna. (BUNSE, 1983, p. 25).

⁵ NOVO centro judaico é criado no Paraguai. **PLETZ.com**, 30 nov. 2010. Disponível em: <<http://www.pletz.com/blog/novo-centro-judaico-e-criado-no-paraguai/>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

O idioma *iídiche* está em processo de extinção pelo fato de cada vez mais ter menos falantes. Bunse também explica sobre as características do idioma, que une alemão, hebraico e aramaico, sua formação e dialetos:

O iídiche não é uma corruptela do alemão dos séculos XIII e XIV. É uma língua muito afim ao alemão e pertence às línguas germânicas. Segundo Beranek, “o iídiche é a língua de que os askenazim não assimilados se serviam na vida diária, no seio da família e da comunidade judaica”. É uma língua escrita, porém com caracteres hebraicos, correndo a escrita da direita para a esquerda. Divergindo da escrita do hebraico, são expressas todas as vogais, em parte com símbolos consonantais. Sua estrutura frasal é alemã; alemães são 70% a 75% de seu vocabulário. O resto são palavras hebraico-aramaicas, oriundas da Cabala, do Talmude e de outras fontes, além de elementos românicos de origem discutida, franceses e italianos. De grande importância são os elementos eslavos. O componente eslavo já encontrou a língua formada e sua contribuição mostra-se em vocábulos referentes a coisas concretas e às condições especiais da vida diária nas *shtetle* da Polônia e da Rússia, em decalques de modelos eslavos e em aspectos estilísticos; em menor grau, na morfologia. [...] O iídiche não é uma língua uniforme, mas dialetalmente subdividida, sendo fundamental a divisão em iídiche ocidental e oriental, esse último ainda subdividido em oriental-setentrional, o chamado dialeto *u* (úden-senhor), falado pelos *litwak* na Lituânia e na Rússia branca, e o oriental-meridional, o dialeto *o* (óden-senhor) que dominava na Polônia e na Ucrânia. (BUNSE, 1983, p. 23).

Na narrativa *El callejón oscuro* (2010), Luísa, a mãe de José, defendia a tradição judaica e o idioma *iídiche*. Ela não queria a falar espanhol, falava apenas a língua materna com a família e vizinhos judeus e até arranjou briga com uma feirante paraguaia, que não a compreendia em sua língua judaica. José tenta conscientizar sua mãe sobre a necessidade de falar em espanhol com os paraguaios, sem muito sucesso:

No entendí, finalmente, el porqué de esa discusión, lo que sí estaba claro era que mi madre y Rebeca, la vecina, no podían seguir hablando en yiddish frente otras personas que no lo entendieran. Pensé que sería beneficiosa, en ese momento, mi intervención.

- Mamá, no hables más en yiddish, habla en castellano, para que te entiendan — dije.
- Yo voy a hablar como quiero — me respondió mi madre.
- Pero está mal, porque lleva a confusiones.
- Ellos hablan delante de mí en guaraní y yo tampoco entiendo y no digo nada, no me quejo, ni pregunto de quién o de qué están hablando.
- Pero es otra situación.
- ¿Por qué es diferente? Cuando ellos hablan en guaraní yo no me quejo.
- El guaraní es el idioma que se habla en este país.
- En este país se habla castellano.
- Vos lo acabas de decir, entonces hablará bien castellano.

- ¿Y qué va a pasar con el yiddish? Me voy a olvidar.
- No, no te vas a olvidar.
- Así como vos te olvidaste de quién sos, yo no me puedo olvidar de quién soy, porque olvidarse es morir.

Decidí poner fin a aquella discusión. Mi madre seguía obsesionada en mantener vivo el yiddish, olvidando que se trataba de un idioma en vías de extinción al igual que toda una tradición de la que éramos parte. La Segunda Guerra Mundial se encargó de hacer cenizas, además de millones de vidas, una cultura, su idioma y tradiciones. El yiddish fue parte de ese exterminio. (GERTOPÁN, 2010, p. 176-177).

Dona Luísa ainda permanecia apegada à sua cultura e desejava retornar à sua pátria. Os pais de José tinham a expectativa de que pelo menos seu filho pudesse estudar, se tornar médico ou advogado e retornar para a Europa. Juliana R. Cancian explica que esse é um anseio dos povos que passam pela diáspora:

Não totalmente desapegados da terra natal, aqueles que passam pela diáspora mantêm consigo o desejo do retorno, da volta ao local do nascimento. Muitos conseguem esse feito, outros constroem a vida mantendo essa esperança. De fato, parece que uma das implicações da diáspora está, além da hibridização cultural pelo efeito da zona de contato, no desejo de querer regressar ao ponto zero, por um processo consciente ou inconsciente. (CANCIAN, 2007, p. 2).

Não somente os judeus eram apegados à sua língua materna, a questão linguística também é cara aos paraguaios, pois a língua é a referência de identidade nacional. “El guaraní es el idioma que se habla en este país” (GERTOPAN, 2010, p. 176). O guarani sempre foi falado no Paraguai, mas apenas em 1992, com a promulgação da atual Constituição da República do Paraguai, a língua guarani foi oficializada, “juntamente com o espanhol, produzindo novos dizeres sobre as línguas desse país e sobre o próprio país, significando-o como bilíngue” (COLAÇA, 2016, p. 205). Paraguai é o único país na América Latina em que uma língua indígena é considerada idioma oficial, tendo seu ensino obrigatório nas escolas juntamente com o espanhol.

Segundo Walter D. Mignolo (2010), tradicionalmente, as sociedades modernas pensavam que existia um conhecimento “indígena” contrastante com formas “modernas” de conhecimento. No entanto, o pensamento liminar:

[...] permite remapear culturas do conhecimento acadêmico em termos de “saber disciplinar centrado em áreas”, unindo e apagando as fronteiras entre saber *sobre* e saber *a partir de*. A gnose liminar ajudará a imaginar um mundo sem fronteiras rígidas (de nações ou civilizações) [...], o pensamento liminar situa-se na interseção das histórias locais

encenando projetos globais e as histórias locais que com eles lidam. (MIGNOLO, 2010, p. 418).

El callejón oscuro traz a representação da sociedade moderna de pensamento dualista, que não reconhecia o conhecimento indígena. Entretanto, José vai na contramão da sociedade, pois estava mais suscetível ao hibridismo cultural. Além do *íidiche*, José se comunicava em espanhol e aprendeu algumas palavras em guarani. Ele desejava permanecer no Paraguai sem romper totalmente com as tradições judaicas, mas também assimilar a cultura paraguaia, tornando-se parte dela:

El deseo de mis padres nunca se cumplió; ellos tenían designado para mí un futuro diferente, deseaban que fuera arquitecto, médico, abogado, pero nunca tendero ni medico naturalista. Además, alejado de ese lugar, de ese entorno.

Pero yo elegí ser parte de aquel Callejón. De ese Callejón Oscuro, en el que el sol nunca se asomaba. Rodeado de seres sin esperanzas, que solo luchaban por la sobrevivencia de ese día. (GERTOPÁN, 2010, p. 244-245).

O protagonista tomou essa decisão após passar pelo processo de hibridização cultural. Esse processo inclui a construção de um novo sujeito social. Na narrativa, a o termo “gringo” é utilizado como caracterização do imigrante europeu no Paraguai. Em alguns trechos da obra, o personagem José é chamado de “gringo” pelos paraguaios. Segundo Adriana Crolla (2011), o termo “gringo” pode ser definido como:

[...] una voz usada en toda América para designar al extranjero que habla otra lengua pero que está en contacto con la población local. En la mayoría de los países latinoamericanos *gringo* se usa para referirse a personas de piel blanca que no hablan una lengua romance. (CROLLA, 2011, p. 199, grifo da autora).

Para Adriana Crolla, na América Latina, o termo “gringo” também é empregado com sentido pejorativo ao se referir aos estrangeiros, de pele branca, falantes da língua inglesa. O Dicionário de Língua Espanhola da Real Academia Española (RAE)⁶ traz as seguintes definições:

Gringo, ga (Etim. disc.): 1. adj. coloq. Extranjero, especialmente de habla inglesa, y en general hablante de una lengua que no sea la española. 2. adj. coloq. Dicho de una lengua: extranjera. 3. adj. Bol., Chile, Col., Cuba, Ec., El Salv., Hond., Nic., Par., Perú, Ur. y Ven. estadounidense. 4. adj. Ur. inglés (l natural de Inglaterra). 5. adj. Ur. ruso (l natural de Rusia). 6. m. y f. Bol., Hond., Nic. y Perú. Persona rubia y de tez blanca. (RAE, 2020).

⁶ Disponível em: <<https://dle.rae.es/>>. Acesso em: 21 maio 2020.

De acordo com essas definições, compreendemos a utilização do termo “gringo” na narrativa, pois José se destacava por causa da cor de sua pele e pelo sotaque diferente ao pronunciar palavras em espanhol. No trecho a seguir, José estava no armazém da Dona Martina, que cheirava álcool e fritura, e ali comia um bolo com pão e suco de abacaxi, quando a proprietária lhe perguntou de onde ele era. Ao afirmar que morava naquele bairro, a senhora falou:

- Pero vos no sos paraguayo...
- Sí soy – respondí.
- ¿Dónde naciste?
- Aquí, en Asunción.
- Parecés gringo.
- ¿Gringo? — pregunté, mientras la voz de la despensera tomaba otro tono.
- Sí. ¿no entendés lo que te digo?
- No sé qué es ser gringo — dije.
- Los gringos son como vos.
- ¿Y yo, cómo soy? — pregunté. [...]. (GERTOPÁN, 2010, p. 67-68).

Na sequência desse diálogo, um homem que estava no armazém, descalço com pés e mãos sujas respondeu a José: “¡Gringo! – gritó el señor mientras las carcajadas le brotaban de la garganta, como si no se pudiera contener”. (GERTOPÁN, 2010, p. 68). Em seguida, o homem, chamado Catalino, foi repreendido pela Dona Martina que ameaçou a retirá-lo do estabelecimento caso falasse mais outra grosseria. Nesse trecho narrado, Dona Martina utilizou o termo “gringo” com a intenção de se referir a José como sendo estrangeiro. Já o senhor Catalino utilizou-se do termo com sentido ofensivo. Apenas depois que José começou a frequentar o Mercado paraguaio foi que ele teve o primeiro estranhamento ao ser comparado a um “gringo”.

Houve outro momento que José foi chamado de “gringo”. Ele estava caminhando pelo Mercado quando duas mulheres estavam discutindo em voz alta na língua guarani:

- Una de ellas, la que llevaba una trenza larga, me llamó con un gesto. Temeroso, me paré frente al canasto. Me habló, pero yo no la entendí.
- No hablo guaraní — dije con voz potente, como si de ese modo me haría entender mejor, pero no pasaba por el tono de mis palabras.
- ¿No entendés nada? — me preguntó, esta vez en castellano.
- No, perdón, pero no entiendo.
- Así son todos los gringos — acotó luego.
- De nuevo la palabra gringo. Ella siguió dirigiéndose a mí, pero le dificultaba hablar en castellano, porque además de su mala pronunciación, tenía el problema de que sus labios se hundían dentro de la boca, cuyas encías desdentadas, asimismo de dificultarle el habla, le daban a su rostro un aspecto de prematura vejez. (GERTOPÁN, 2010, p. 81-82).

Ao sair do gueto e frequentar o Mercado o jovem José começou a sentir-se deslocado. Não compreendia o idioma guarani e pareceu ter se chateado ao ser chamado de gringo mais uma vez: “De nuevo la palabra gringo”. José era considerado um estrangeiro, ou seja, um estranho naquele lugar, pois ainda não conhecia os costumes e as línguas dos paraguaios e indígenas. Ocorre, porém, um estranhamento duplo, pois os judeus e os paraguaios não se relacionavam. Mas o protagonista não se deixou intimidar, pois estava gostando de descobrir outras culturas, idiomas, cores, sabores, costumes. O rapaz continuou retornando ao Mercado muitas outras vezes. José fez várias amizades, aprendeu a falar guarani e os segredos das plantas medicinais.

Me entretenía vagabundear por el Mercado, cada día que pasaba me encontraba más habituado con el lugar y su gente. Me acercaba a la vendedora de yuyos, saludaba al niño quién aprendió a reconocermé y yo, a simpatizar con él. Lo extrañaba cuando en días de lluvia la madre no venía al Mercado a vender sus yuyos. Ella siempre tenía algo para darme, una planta, hojas o semillas, además de una sonrisa. Me enseñaba el nombre de cada planta medicinal y para qué servía, además el significado de ciertas palabras en guaraní, y a pronunciarlas correctamente, las que yo aprendí de excelente manera. También comencé a familiarizarme con los sabores de algunas comidas típicas, que al principio resultaban desagradables a mi paladar. (GERTOPÁN, 2010, p. 92).

José assimilou os novos conhecimentos, línguas, saberes e culturas. Ele reconhecia que não era apenas um rapaz judeu e não era mais visto como um gringo. Agora o jovem era reconhecido como paraguaio, falante de espanhol e guarani. O personagem estava passando por um processo de reconstrução do sujeito, por meio da aceitação do hibridismo cultural.

2.2 Identidade cultural: crescer e viver nas margens

Na segunda metade do século XX, a revolução do pensamento crítico dos anos 1960 nas Ciências Humanas possibilitou a abertura para se pensar a identidade cultural, interpretada por pesquisadores nacionais e estrangeiros.

É possível afirmar que a construção da identidade cultural também está ligada à literatura. Com o pensamento pós-modernista e as novas teorias literárias, a literatura latino-americana contemporânea passou a ser estudada destacando a cultura pós-colonial,

o novo sujeito pós-moderno, a ruptura das fronteiras culturais, o entre-lugar. Todas essas particularidades estão ligadas à questão do novo conceito de identidade cultural.

Sobre o aspecto da identidade cultural, o teórico jamaicano Stuart Hall, em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade* (2015), explica que o sujeito pós-moderno “está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2015, p. 11). O sujeito pós-moderno possui várias identidades abertas, contraditórias, a sua identidade está sempre em processo de transformação, descrita como crise de identidade.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2015, p. 11-12).

Com a globalização, as imigrações, as diásporas, as mudanças nos papéis sociais e as inovações do pensamento filosófico, as pessoas estão mudando sua percepção de sujeito e abrindo as possibilidades para reconhecer o pertencimento a várias culturas e ideologias simultaneamente.

A professora Juliana R. Cancian, em “O contexto da diáspora na construção da identidade cultural: a experiência do personagem José Viana, do romance *Sem Nome*, de Helder Macedo” (2007), traz a seguinte definição de diáspora:

Diáspora significa o espalhamento dos povos, que saem de sua terra de origem para concretizar a vida em outros países ou em outros continentes. Seja de forma forçosa ou por opção própria, os povos que abandonam sua casa jamais se desapegam das origens, e mantêm através da tradição a cultura na qual nasceram. Isso se dá pela manutenção da língua, da religião, modo de pensar e agir. Mas essa cultura original, no contexto diaspórico, está em constante transformação, de maneira que novos costumes acabam sendo assimilados e interferem não apenas na identidade pessoal como na identidade coletiva, que por sua vez reflete a identidade cultural de determinado grupo. (CANCIAN, 2007, p. 2).

Para Juliana R. Cancian, a diáspora interfere diretamente na construção da identidade cultural dos povos: “Em verdade, os povos, e tudo que os representa, não começam nem terminam em fronteiras facilmente distinguíveis e, nesse contexto, nossos vizinhos acabam tendo um papel fundamental na construção do ser que somos” (CANCIAN, 2007, p. 5).

De acordo com Stuart Hall, esse deslocamento dos povos “descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos — constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo” (HALL, 2015, p. 10). O teórico jamaicano esclarece que a crise de identidade faz parte de um “processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2015, p. 9). É por meio dessa crise de identidade que o sujeito se transforma, obtendo outras identidades, às vezes contraditórias.

Um desses “quadros de referência” é a identidade cultural nacional. Quando nascemos numa dada cultura nacional nos identificamos como brasileiros, paraguaios, italianos, alemães, para citar apenas alguns exemplos. Esse reconhecimento faz parte da construção da nossa identidade cultural e da nossa natureza essencial. Sobre as identidades nacionais, Hall explicita que elas

[...] são formadas e transformadas no interior da *representação*. [...] a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos — *um sistema de representação cultural*. As pessoas não são apenas cidadãos legais de uma nação; elas participam da *ideia* da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica [...]. (HALL, 2015, p. 30, grifo do autor).

De acordo com Stuart Hall, as culturas nacionais são compostas de símbolos e representações de sentidos. Uma cultura nacional é um modo de construir sentidos, os quais nos influenciam e organizam as nossas ações e até mesmo a forma como autocomprendemos enquanto sujeitos. As culturas nacionais constroem uma identidade, ao produzir sentidos sobre “a nação”, com os quais podemos nos identificar. “Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas” (HALL, 2015, p. 31).

Além das identidades nacionais, o pensamento pós-moderno nos permitiu olhar para as diferenças regionais e étnicas que se tornaram “uma fonte poderosa de significados para as identidades culturais modernas” (HALL, 2015, p. 30). Toda essa riqueza cultural contribui para a construção de uma identidade nacional única, porém, multifacetada. Sobre as identidades nacionais, Stuart Hall explica que elas

[...] não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo de poder, de divisões e contradições internas, de lealdades

e de diferenças sobrepostas. Assim, quando vamos discutir se as identidades nacionais estão sendo deslocadas, devemos ter em mente a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para “costurar” as diferenças numa única identidade. (HALL, 2015, p. 38, grifo do autor).

Ainda há outras discussões acerca da identidade cultural, além da proposta dos Estudos Culturais, que estão ligadas aos Estudos Pós-Coloniais, muito pertinente à literatura latino-americana. O teórico inglês indiano Homi K. Bhabha traz a ideia de que as culturas nacionais homogêneas estão em profundo processo de redefinição, assim como “[...] a transmissão consensual ou contígua de tradições históricas, ou comunidades étnicas ‘orgânicas’ [...]” (BHABHA, 2013, p. 25). Por sua vez, Eneida Maria de Souza, em seu livro *Traço crítico* (1993), comenta que o processo de formação da identidade cultural também está ligado às mudanças sócio-políticas de uma nação:

Repensar a alteridade conduz, necessariamente, ao exame do problema da identidade, assim como traz implícita uma série de associações binárias, ligadas às categorias de razão e instinto, nação e indivíduo, universal e particular, e assim por diante. Seguindo esse raciocínio, entende-se que *a noção de identidade cultural estaria em concordância com as transformações sócio-políticas, construindo-se ora como efeito, ora como participação simultânea dessas mudanças.* (SOUZA, 1993, p. 13-14, grifo nosso).

Nesse sentido, Manuela Carneiro da Cunha, em seu livro *Cultura com aspas* (2009), explica que “A situação pós-colonial não caracteriza apenas as ex-colônias. É também um traço importante das ex-metrópoles, quando mais não fora porque estas agora tentam conter a onda de imigração de seus antigos súditos” (CUNHA, 2009, p. 312).

Sobre esse assunto, em seu livro *O local da cultura*, Homi K. Bhabha (2013, p. 27), elucida que a pós-colonialidade “é um salutar lembrete das relações ‘neocoloniais’ remanescentes no interior da ‘nova’ ordem mundial e da divisão de trabalho multinacional” e complementa: “Tal perspectiva permite a autenticação de histórias de exploração e o desenvolvimento de estratégias de resistência”. O teórico destaca a importância das culturas pós-coloniais ao afirmar que:

Tais culturas de *contramodernidade* pós-colonial podem ser contingentes à modernidade, descontínuas ou em desacordo com ela, resistentes a suas opressivas tecnologias assimilacionistas; porém, elas também põem em campo o hibridismo cultural de suas condições fronteiriças para “traduzir”, e, portanto, reinscrever, o imaginário social tanto da metrópole como da modernidade. (BHABHA, 2013, p. 27-28).

Bhabha reconhece que as diferenças culturais contribuem para a formação de novas identidades: “O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais” (BHABHA, 2013, p. 20).

O conceito que o teórico inglês indiano apresenta para ilustrar o hibridismo cultural é o “entre-lugar”, também chamado de “terceiro espaço”. Ele explica que os entre-lugares “dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade” (BHABHA, 2013, p. 20). E complementa: “A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica” (BHABHA, 2013, p. 21).

Portanto, podemos considerar que o hibridismo cultural tem a importante função de ser “a linha que costura” as diferenças numa única identidade nacional — conforme a metáfora citada por Stuart Hall anteriormente —, principalmente em regiões de fronteiras. E Homi Bhabha confirma: “Essa passagem intersticial entre identificações fixas abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta [...]”. (BHABHA, 2013, p. 23).

Bhabha, assim como Eneida M. Souza, afirma que a literatura e os processos sócios-históricos possuem seu destaque na construção das identidades:

Talvez possamos agora sugerir que histórias transnacionais de imigrantes, colonizados ou refugiados políticos — essas condições de fronteira e divisas — possam ser o terreno da literatura mundial, em lugar da transmissão de tradições nacionais, antes o tema central da literatura mundial (BHABHA, 2013, p. 36).

Sendo assim, na obra *El callejón oscuro*, de Susana Gertopán, podemos observar que o protagonista José passa por uma crise de identidade. Vemos, por meio da narrativa, o processo de deslocamento de sua identidade, pois, apesar de ser filho de imigrantes europeus, ele também reconhece o Paraguai como seu país e se sente parte daquela comunidade multicultural.

Esse romance apresenta a construção da identidade cultural híbrida do narrador-protagonista José. Ao narrar suas memórias, José deixa transparecer os fragmentos com que a sua identidade é constituída: filho de imigrantes poloneses, judeu, nascido no

Paraguai, falante de *íidiche* (sua língua familiar), depois de espanhol (castelhano) e posteriormente de guarani. O Paraguai unifica sua identidade múltipla, por isso José se identifica com a comunidade paraguaia. Ao encontrar seu propósito de vida, ele reconhece seu lugar: abre um consultório numa das salas do beco escuro (*callejón oscuro*) e, assim, atende a população carente com terapia e medicina alternativa — pois abandonou o sonho que seus pais tinham de que ele fosse morar no exterior, buscando as raízes dos seus antepassados, o país onde haviam nascido, a Polônia. O beco escuro pode ser considerado uma grande metáfora do “terceiro espaço” e das identidades híbridas.

Segundo Zygmunt Bauman, em *Modernidade líquida* (2001), estamos vivendo um período da modernidade em que os conceitos, ideias e verdades não são mais fixos, absolutos, sólidos. Esses tempos voláteis e instáveis dão um grau de liberdade genuíno para que as pessoas possam selecionar a própria identidade e de poder mantê-la enquanto desejam, são identidades líquidas, transitórias. Bauman afirma:

Num mundo em que coisas deliberadamente instáveis são a matéria-prima das identidades, que são necessariamente instáveis, é preciso estar constantemente em alerta; mas acima de tudo é preciso manter a própria flexibilidade e a velocidade de reajuste em relação aos padrões cambiantes do mundo “lá fora”. (BAUMAN, 2001, p. 110).

Devemos ser flexíveis para lidar com as transitoriedades da diversidade de identidade, não só na questão subjetiva da formação do sujeito, como também nos espaços que habitamos e/ou frequentamos. Para Bauman, entre esses lugares ocupados existem também os “não lugares” que aceitam a presença física das pessoas e são socialmente indiferentes, pois as pessoas apenas transitam naquele espaço, são lugares como: a rodovia, o aeroporto, o mercado, etc. As diferenças entre as pessoas que passam por aqueles lugares podem ser tornadas invisíveis ou até impedidas de serem percebidas. Os não lugares podem, também, serem chamados de espaços vazios:

Os espaços vazios que Kociatkiewicz e Kostera listam são lugares não colonizados e lugares que nem os projetistas nem os gerentes dos usuários superficiais reservam para colonização. Eles são, podemos dizer, lugares que “sobram” depois da reestruturação de espaços realmente importantes: devem sua presença fantasmagórica à falta de superposição entre a elegância da estrutura e a confusão do mundo (qualquer mundo, inclusive o mundo desenhado propositalmente), notório por fugir a classificações cabais. Mas a família dos espaços vazios não se limita às sobras dos projetos arquitetônicos e às margens negligenciadas das visões do urbanista. Muitos espaços vazios são, de fato, não apenas resíduos inevitáveis, mas ingredientes necessários de

outro processo: o de mapear o espaço partilhado por muitos usuários diferentes. (BAUMAN, 2001, p. 132).

A partir disso, pensando a obra de Susana Gertopán, refletimos sobre o não lugar e podemos compará-lo ao beco escuro, pois ele não se trata de um projeto urbano arquitetado para estar naquele bairro. É um lugar misterioso, feio, sujo, sem claridade natural, no qual transitavam pessoas que estavam às margens da sociedade. O beco escuro é um “espaço vazio” que era partilhado por muitos sujeitos de diferentes identidades. É um espaço onde aquelas pessoas encontravam liberdade para viver suas experiências e culturas, sem medo da repressão da sociedade.

Bauman também faz uma reflexão de que a cultura está ligada à ideia de etnicidade, a qual nos remete à separação territorial, o direito a um “espaço defensável” separado, cercado de postos de fronteira que somente permitem a entrada de pessoas da mesma identidade e impedem o acesso de quaisquer outros. “Como o propósito da separação territorial é a homogeneidade do bairro, a ‘eticidade’ é mais adequada que qualquer outra ‘identidade’ imaginada” (BAUMAN, 2001, p. 136). A volatilidade das identidades encara os habitantes da modernidade líquida e faz com que aprendamos a conviver com as diferenças.

Na obra *El callejón oscuro* observamos a questão da etnicidade e a homogeneidade por meio da separação física do bairro Pettrossi, habitado por imigrantes judeus, do Mercado 4, o local de trabalho dos comerciantes camponeses e indígenas, o qual era frequentado praticamente apenas pelos paraguaios. A avenida que separava os dois lugares representa a fronteira étnica que, além de física, também é psicológica, pois os diferentes grupos culturais não se relacionavam.

O protagonista José narra as memórias de sua adolescência, um fato marcante em sua vida foi o momento em que ele ousou atravessar a avenida e a partir daí ocorreu a crise de identidade, sua identificação com outros grupos culturais, seu reconhecimento como sujeito paraguaio e a construção de um novo sujeito com várias identidades culturais. O jovem rapaz não era mais apenas um neto de imigrantes poloneses, judeu, falante do idioma *iídiche*, mas também se reconheceu como paraguaio, falante de espanhol e de guarani, estudioso e praticante de outras filosofias, crenças e medicinas alternativas. Na narrativa, observamos a representação do sujeito pós-moderno que possui múltiplas identidades culturais, assim como a representação da comunidade judaica, dos

camponeses e dos indígenas que fazem do Paraguai um país multicultural: *El callejón oscuro* é um ambiente plural!

2.3 *El callejón oscuro*: um ambiente plural

El callejón oscuro (2010) foi publicado em espanhol e, posteriormente, traduzido para o alemão, o bengali e o inglês. Em entrevista para a revista virtual *Última Hora*, no dia 1º de outubro de 2010, a escritora informa que a narrativa se ambienta no bairro Pettirossi, zona próxima ao Mercado 4 e retrata um espaço de exilados. Para Gertopán, “La avenida Pettirossi sirve de frontera entre el Mercado 4 y una población, la de los judíos, con sus negocios, además de ser un albergue de indígenas y campesinos” (ULTIMA HORA, 2010). Segundo Gertopán:

A pocas cuadras del barrio Pettirossi existe un callejón oscuro, lugar que da título a la obra. “Allí se presenta toda la miseria humana, como la prostitución, el abuso, el hambre y la degradación”, indica la autora. Este sitio es clave para la trama, ya que concede la cuota necesaria de misterio. “No es una novela autobiográfica, sino vivencial. Mi texto de ficción tiene un gran componente testimonial”, asegura Gertopán, quien pasó parte de su infancia en la zona (GERTOPÁN apud ULTIMA HORA, 2010).

A história dos judeus da Europa oriental foi marcada pela guerra e pelo Holocausto, o que trouxe danos aos seus países e causou a diáspora de famílias que migraram para os países da América Latina, como o Paraguai, a Argentina e o Brasil. A narrativa *El callejón oscuro* inicia com a troca de cartas entre os primos Ariel e José. Eles pertencem a uma família de judeus poloneses, cujos pais fugiram da Europa entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial e imigraram para o Paraguai. Radicados num bairro de Assunção, capital do Paraguai, seus pais trabalham em lojas localizadas na avenida principal, que separa o bairro de imigrantes judeus do Mercado e da cultura paraguaia.

José, a pedido do seu primo Ariel, escreve algumas notas lembrando a sua infância e adolescência naquele bairro e as descobertas de outras culturas e línguas. As memórias de José são acionadas, assim sendo, pelo pedido do primo. A partir dessa situação, o protagonista se submete a um esforço para recuperar as imagens de sua relação com a família e com o Mercado.

De pronto, sorpresivamente, después de mucho tiempo, recibo una carta donde me convoca a que sea yo el guía de sus recuerdos de infancia y adolescencia. El indicador de un hecho que le duele recordar.

Al leerla sentí que se había quedado suspendido en la nada, sin alma. Era solo un cuerpo hueco, vacío, sin sentidos, porque ninguno de ellos guardaba alguna respuesta ante un aroma, una imagen, un sonido, una textura. El abandono los había adormecido.

Así fue como se inicia este peregrinar por mi pasado, todo gracias a una petición de mi primo Ariel. (GERTOPÁN, 2010, p. 26-27).

Na narrativa, José é um adulto que rememora sua juventude, quando ousou atravessar a avenida para conhecer o Mercado e fazer amizade com outros paraguaios e indígenas, o que lhe era proibido por seus pais. No Mercado, José também descobriu a pobreza, a miséria humana e os abusos. Próximo ao Mercado havia o *callejón oscuro*, um lugar onde havia prostituição, tráfico humano, aborto, misticismo, jogos de adivinhação e outros jogos ilegais, vendas de ervas medicinais, de animais exóticos, dentre outros. Foi nesse beco escuro que José, já adulto, abriu seu consultório, onde atuava como médico (uma mescla de curandeiro e psicólogo) e tratava de seus pacientes com medicina alternativa. Naquele lugar sórdido, José também fez novas amizades e se sentia realizado em ajudar aquelas pessoas.

De acordo com o pacto autobiográfico, a obra *El callejón oscuro* não é definida como uma autobiografia, apesar de Susana Gertopán ter afirmado que viveu naquele bairro quando era criança, onde existia os lugares mencionados na obra, tais como: o Mercado e o beco escuro. Lejeune afirma que autobiografia é uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (2014, p. 104). Para que ocorra o pacto autobiográfico descrito por Lejeune, o professor Bungart Neto afirma que a obra precisa estar de acordo com as seguintes categorias:

[...] forma da linguagem (trata-se de uma narrativa em prosa); assunto tratado (história de uma personalidade e de uma vida); situação do autor (identidade entre autor e narrador); e posição do narrador (identidade entre narrador e personagem principal). Para a obra ser considerada autobiografia, é preciso que se cumpram todos os requisitos acima e que haja [...] uma espécie de “contrato de identidade selado pelo nome próprio” (BUNGART NETO, 2012, p. 164).

Ao analisar a obra *El callejón oscuro* na perspectiva dessas quatro categorias, fazemos as seguintes constatações: a) quanto à forma de linguagem: narrativa em prosa; b) em relação ao assunto tratado: história de uma sociedade um grupo (coletivo); c) no

tocante à posição do narrador: o narrador é o personagem principal; d) situação do autor: notoriamente podemos observar que a identidade entre o autor e o narrador não é a mesma, pois a autora é feminina e o narrador é masculino. Mesmo Susana Gertopán dizendo que a obra se originou de memórias de sua infância e de memórias coletivas, nós podemos concluir que a obra *El callejón oscuro* não pertence ao gênero autobiográfico, sendo, portanto, um texto literário de gênero memorialístico.

Susana Gertopán combina várias temáticas e gêneros literários em sua obra. Shøllhammer explica que, na literatura contemporânea, destaca-se a mescla de gêneros:

Ao longo da década de 1980, o elemento mais utilizado para identificar essa vertente pós-moderna era a combinação híbrida entre alta e baixa literatura, propiciada pelo novo diálogo entre a literatura, a cultura popular e a cultura de massa, ou a mescla entre os gêneros de ficção e as formas da não ficção, como a biografia, a história e o ensaio. (SHØLLHAMMER, 2009, p. 30-31).

Na obra analisada nesta dissertação, Susana Gertopán mescla ficção e memória, pois através do narrador-personagem José apresenta um relato memorialístico e alcança seu objetivo lançando mão do fenômeno mnemônico, o qual é explicado por Paulo Bungart Neto nas seguintes palavras:

[...] entende-se o fenômeno mnemônico como a tentativa — por vezes desesperada — de salvar do esquecimento imagens que somente podem ser resgatadas através da rememoração efetuada pelo relato memorialístico, aí atuando, além da lembrança involuntária e da evocação voluntária, uma certa imaginação a preencher os espaços vazios deixados pelo esquecimento. À medida que a imagem lembrada estiver definitivamente fixada em letra impressa, está, aparentemente, salva do esquecimento, a menos que seja novamente “esquecida” em alguma gaveta, estante, arquivo ou estoque de editora, biblioteca ou museu (BUNGART NETO, 2014, p. 58-59).

A rememoração unida à lembrança e também à imaginação salvou do esquecimento a memória coletiva de imigrantes judeus no Paraguai, mais especificamente num bairro de Assunção, na metade do século XX.

Sobre as temáticas dos romances, em seu artigo “Romance: história e teoria”, Franco Moretti declara que:

Aventuras expandem os romances ao abri-lo para o mundo: há um pedido de ajuda — e o cavaleiro parte. Normalmente sem fazer perguntas; e, o que é típico da aventura, o desconhecido não é uma ameaça, é uma oportunidade, ou mais precisamente: não existe mais a

distinção entre ameaças e oportunidades (MORETTI, 2009, p. 204-205).

Nessa perspectiva, também encontramos a aventura como temática na obra *El callejón oscuro*. O protagonista José parte numa aventura ao desconhecido Mercado, atravessando a Avenida, desobedecendo as ordens de seus pais. Ele age com a nobreza de um cavaleiro ao querer ajudar as pessoas em suas misérias e até resgata uma “donzela” em perigo — ao socorrer uma menina indígena que estava prestes a ser violentada.

Susana Gertopán aborda muitos conselhos e reflexões para a vida. Walter Benjamin afirma que a arte de narrar está ligada à prática de dar conselhos e que a sabedoria está em extinção. Ele explica que a decadência da narrativa da literatura contemporânea começou a partir da Segunda Guerra Mundial, pois as pessoas voltaram da guerra mudas e traumatizadas. Dez anos depois, muitos livros foram produzidos com essa temática, no entanto não eram frutos de uma narrativa de sabedoria coletiva, e sim de uma experiência pessoal (Cf. BENJAMIN, 1994). No entanto, a narrativa subjetiva, fruto da vivência do autor, também possui sua contribuição para literatura e para a vida. Por meio das narrativas o autor pode representar suas experiências e verdades. Para Franklin Leopoldo e Silva,

[...] o mundo, a realidade, é o referencial indeterminado dos mundos que se originam da criação artística. Porque a pluralidade dos mundos que nascem da criação se identifica na função *reveladora* da verdade que a obra de arte nos dá a perceber. Disto deriva o profundo compromisso da *narración* com a verdadeira história da consciência e das coisas. (LEOPOLDO e SILVA, 1992, p. 10).

Há muito tempo se compreendeu a arte como imitação da verdade, da realidade. De acordo com Paul Ricoeur, há três tipos de *mimesis*, palavra grega que significa imitação da realidade. Elas fazem parte do processo criativo da arte. A *mimese II* é mediadora entre as *mimesis I* e *III*, interagindo com elas. A tessitura da intriga é como Ricoeur nomeia a construção da narrativa, e é por meio dela que a *mimese II* pode ser observada como modo de representação da realidade (ou de uma versão dessa realidade) na literatura. (RICOEUR, 1994). Logo, a narrativa literária possui, em sua formação, partículas de arte, de sabedoria, de imitação, de realidade e de verdade.

El callejón oscuro é uma obra ficcional que pertence ao gênero memorialístico. Essa narrativa, como um todo, é um modo de reescrever a memória coletiva, buscando cultivar a lembrança de fatos históricos e vivenciais. Percebemos, assim, a importância

de termos conquistado a liberdade de usar esse recurso na literatura contemporânea. De diferentes maneiras, o romance contribui para a preservação da memória coletiva do Paraguai no período pós-guerra. Le Goff dá um sábio conselho: “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 2012, p. 457). A relevância em conhecer e pesquisar sobre essa obra literária está na preservação da memória coletiva da sociedade e suas relações.

Na narrativa, acompanhamos o amadurecimento do personagem José nas margens físicas e psicológicas entre as duas culturas, judaica e paraguaia, que vai da sua adolescência até a fase adulta. José ousou cruzar as fronteiras do seu bairro:

La lectura era mi único entretenimiento hasta el día en que crucé el puente imaginario y descubrí el otro mundo, el mundo del Mercado. Desde entonces, sólo deseaba encontrarme en ese territorio, el que también estaba delimitado por un cerco ficticio, y cuya vida interna dependía únicamente de sus habitantes, forasteros que llegaban hasta ahí en busca de sustento. (GERTOPÁN, 2010, p. 43).

Essa ação de José o fez sair da passividade e começar a ter suas próprias descobertas. O ato de atravessar a avenida do seu bairro, conhecer o Mercado e ter contato com os paraguaios, foi decisivo para o desenvolvimento da narrativa. A avenida simboliza a fronteira imaginária e está carregada de significados.

Embora esteja mais voltado à Literatura Comparada, Eduardo Coutinho traz a seguinte definição sobre o conceito de fronteira:

Se o conceito de “fronteira” traz no seu sentido denotativo a ideia de delimitação de campos, suas implicações são tantas, que chegam a sugerir o seu contrário, ou, melhor, a noção de “área indefinida”, “móvel” ou “esgarçada”, e culturalmente problemática, para onde convergem múltiplas tensões e onde se vive numa corda-bamba, oscilando entre polos opostos, e por vezes até contraditórios, enfrentando toda sorte de conflito. Esse sentido, numa primeira instância negativo, tem, contudo, também a sua contrapartida, e pode ser visto como o espaço do diálogo, da troca e de um possível entendimento, o local de um enriquecimento gerado pela própria diferença entre os elementos que se enfrentam. (COUTINHO, 2017, p. 8).

Logo, a fronteira também pode ser reconhecida como espaço de diálogo, de troca, de entendimento, de enriquecimento cultural. O professor Antonio Manuel dos S. Silva (2012) afirma que “fronteira” possui múltiplos significados e que

[...] geograficamente, o termo serve para definir, ou seja, colocar limites, a espaços físicos ocupados (ou não) por homens: assim, sua transposição denotativa para a caracterização de espaços culturais constitui decorrência, por assim dizer esperada, nos chamados estudos culturais [...]. (SILVA, 2012, p. 12).

Silva também explica que o termo “fronteira” sofreu um “processo de deslocamento conhecido como metáfora, transitou da Geografia Humana para os estudos da literatura, transformando-se num símbolo polissêmico” (SILVA, 2012, p. 13). Assim, para os pesquisadores Andrea C. Kahmann e Anselmo P. Alós, além de representar um trânsito de lugar, as fronteiras também trazem “as condições favoráveis para o diálogo e para o intercâmbio, as fronteiras configuraram um espaço novo caracterizado pela imbricação” (KAHMANN; ALÓS, 2015, p. 23).

Na fronteira entre o gueto judeu, onde ocorre a reafirmação das tradições judaicas, e a sociedade paraguaia estão: a avenida (a margem), que separa os dois bairros, e o Mercado 4, um ambiente pluricultural onde o sujeito busca um novo posicionamento identitário.

José narra sua experiência de reconstrução da própria identidade, desconstrói o estereótipo de filho passivo que busca realizar os sonhos dos pais. Torna-se, portanto, personagem ativo, que rompe com seu passado e se insere num espaço intersticial onde ele muda a si e colabora para mudar o seu entorno. Em *El callejón oscuro*, observamos que, ao cruzar as margens físicas e culturais, o personagem pode dialogar, trocar experiências, adquirir novos costumes e enriquecer culturalmente. Portanto, a fronteira também pode trazer a conotação do entre-lugar, conceituado por Homi K. Bhabha (2013): um local onde ocorre o hibridismo cultural.

Podemos concluir que *El callejón oscuro* (2010) é uma obra literária muito rica e que apresenta a possibilidade de refletirmos sobre vários aspectos como: a literatura paraguaia; a literatura memorialística; a literatura escrita por mulheres; a literatura escrita por imigrantes; a questão do exílio e das misérias humanas; a crise e a construção da identidade cultural; as múltiplas identidades que um sujeito pós-moderno pode ter; as representações das culturas judaica, paraguaia e indígena; as representações das mulheres da sociedade e daquelas que estavam à margem. *El callejón oscuro* apresenta, portanto, um ambiente plural.

CAPÍTULO 3

CRUZANDO AS MARGENS

“El Mercado había empezado a tomar su ritmo diario, su movimiento habitual. De pronto, imaginé que me encontraba cruzando la avenida, caminando sobre una plataforma hacia la vereda de enfrente, por donde transitaba la vida.”

Susana Gertopán, *El callejón oscuro* (2010, p. 51).

Figuras 3 e 4 – Mercado Municipal nº 4 e Avenida.



Fonte: Trip Advisor Brasil (2019).

“Cruzando as margens”, aqui apresentamos algumas reflexões sobre a fronteira, a cultura judaica e paraguaia, assim como a representação da mulher, baseadas em análises da obra *El callejón oscuro* (2010). O protagonista José cruzou as margens e, assim, surgiram novas descobertas e vivências.

Este capítulo possui dois tópicos de análise da obra. De acordo com o aparato teórico estudado dos Estudos Culturais, dos Estudos Pós-Coloniais e demais estudos, no primeiro tópico, analisamos a representação da comunidade judaica e as memórias do protagonista José, sob a ótica do hibridismo cultural e da construção da identidade cultural representadas na obra.

No segundo tópico, observamos as representações de três personagens femininas: Luisa, Dona China e menina indígena e refletimos sobre algumas questões acerca do sujeito feminino e seu corpo como objeto de desejo, com base nas teorias feministas.

3.1 Gueto: a representação judaica

Analisamos, neste tópico, como a teoria sobre a memória pode ser observada na narrativa *El callejón oscuro* (2010), que traz a memória de Susana Gertopán sobre a identidade e a cultura judaica. A memória de um grupo social, gerada por lembranças familiares — principalmente na infância, nos relacionamentos com os avós e os pais —, se constroem a partir de narrativas, de testemunhos e de confidências dos outros. Halbwachs explica sobre as lembranças de infância, além de estar em contato com seus pais, a criança também tem a oportunidade de ouvir os relatos de seus avós. Segundo o teórico, os avós provavelmente podem se desinteressar pelos acontecimentos contemporâneos, os quais captam a atenção dos pais, e talvez seja por isso que os idosos se aproximam das crianças:

Em todo caso, muitas vezes é na medida em que a presença de um parente idoso está de alguma forma impressa em tudo o que este nos revelou sobre um período e uma sociedade antiga, que ela se destaca em nossa memória — não como uma aparência física um tanto apagada, mas com o relevo e a cor de um personagem que está no centro de todo um quadro, que o resume e o condensa. (HALBWACHS, 2006, p. 84-85).

A relação entre avós e netos contribui para que a criança ouça narrativas de tempos mais antigos, muitas vezes tendo seus avós como personagens principais das narrativas,

o que contribui para que a criança desenvolva uma memória coletiva a partir de relatos familiares.

Em entrevista à professora Alexandra S. Pinheiro (2017a), Susana Gertopán menciona que possui uma forte ligação afetiva com seus avós, pois foi criada por eles, os quais tiveram grande influência na construção de sua identidade cultural. A escritora explica que por essa razão ela aprendeu a cozinhar muito bem a comida judaica, a falar o idioma *íidiche*, por isso Gertopán está enraizada no costume e na tradição judaica.

Na convivência com seus avós, a autora teve a oportunidade de ouvir suas histórias e relatos de outros conhecidos, cujas lembranças serviram de inspiração para a escrita de suas narrativas. Ela também declarou que o fato de ter crescido com seus avós não a prejudicou na construção de sua identidade, pelo contrário, foi enriquecedor.

As lembranças da infância são essenciais para a construção da memória do indivíduo, desse modo, Halbwachs ressalta que:

No mesmo círculo de nossos pais, nossos avós deixaram sua marca. Antigamente não nos dávamos conta dessas coisas, pois éramos mais sensíveis em relação ao que distinguia uma geração da outra. Nossos pais caminhavam à nossa frente e nos guiavam para o futuro. Chega um momento em que eles se detêm e nós passamos à frente. Agora temos de nos voltar para eles e nos parece que no presente foram tomados pelo passado e se confundem agora entre as sombras de antigamente. [...]. Assim, como acabamos de demonstrar, a vida da criança mergulha mais do que se imagina nos meios sociais pelos quais ela entra em contato com um passado mais ou menos distanciado, que é como o contexto em que são guardadas suas lembranças mais pessoais. É neste passado vivido, bem mais do que no passado apreendido pela história escrita, em que se apoiará mais tarde a sua memória. (HALBWACHS, 2006, p. 89-90).

Nesse sentido, a memória coletiva formada na infância se dá muito mais pelos relacionamentos entre os grupos sociais, as vivências, os relatos do passado de seus pais e avós, do que propriamente pela história escrita. Aqui vemos a importância dos relacionamentos interpessoais na formação das lembranças de infância. Halbwachs define a lembrança como uma reconstrução do passado:

[...] a lembrança é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada. Claro, se pela memória somos remetidos ao contato direto com alguma de nossas antigas impressões, por definição a lembrança se distinguiria dessas ideias mais ou menos

precisas que a nossa reflexão, auxiliada por narrativas, testemunhos e confidências dos outros, nos permite fazer de como teria sido o nosso passado. Não obstante, ainda que seja possível evocar de maneira tão direta algumas lembranças, é impossível distinguir os casos em que assim procederemos e aqueles em que imaginamos o que teria acontecido. Assim, podemos chamar de lembranças muitas representações que, pelo menos parcialmente, se baseiam em testemunhos e deduções — mas então, a parte do social, digamos, do histórico a memória que temos de nosso próprio passado, é bem maior do que podemos imaginar. Isso, porque desde a infância, no contato com os adultos, adquirimos muitos meios de encontrar e reconhecer muitas lembranças que, sem isso, teríamos esquecido rapidamente, em sua totalidade ou em parte. (HALBWACHS, 2006, p. 91).

As lembranças são representações da nossa imaginação, unidas às deduções e aos testemunhos pessoais e de terceiros. As memórias da infância de um indivíduo estão cheias de “reflexões pessoais, lembranças familiares, e a lembrança é uma imagem introduzida em outras imagens, uma imagem genérica transportada ao passado” (HALBWACHS, 2006, p. 93). Observamos essas memórias nas obras de Susana Gertopán, como, por exemplo, na obra *El callejón oscuro*, na qual o narrador José menciona sua avó logo no início do livro, sendo lembrada como ponto de partida para suas memórias.

Ariel, querido primo, estas son anotaciones que escribo pensando en vos, son recuerdos míos que espero te puedan servir. Iré archivando, hoja por hoja, en una carpeta, la que luego me encargará de enviártela. Todo comenzó con la muerte de la abuela. ¿Te acuerdas? Me temo que no. [...] Bueno, te iré relatando. [...] La abuela murió de pronto, así, sorpresivamente. [...]. (GERTOPÁN, 2010, p. 29).

[...] A partir de la muerte de la abuela los cambios se fueron dando paulatinamente. Desde lo que significó el abandonar la antigua vivienda hasta las perspectivas que tenían mis padres en cuanto al futuro de nuestra familia, sobre todo, al mío. (GERTOPÁN, 2010, p. 39).

O narrador também conta que sua avó materna era uma imigrante que chegou viúva ao Paraguai antes da Segunda Guerra Mundial. Ela veio com seus três filhos: Abraham, o mais velho; Luisa, mãe de José, e o caçula, Samuel. Sua avó era dona de uma loja de roupas. Ela cuidava dos filhos e se tornou uma negociante próspera. Falava *índice* e muito pouco castelhano, só o necessário para se comunicar com os outros. Morava próximo à loja e ia trabalhar a pé, até mesmo nos dias de chuva. Depois que sua avó materna faleceu, José e sua família se mudaram para os fundos da loja de roupas e seus

pais assumiram a loja, que estava localizada na avenida principal que delimitava o bairro dos comerciantes judeus e o Mercado dos comerciantes paraguaios.

Outro conceito relevante apresentado por Maurice Halbwachs é a relação sobre a memória coletiva e o espaço: “Quando inserido numa parte do espaço, um grupo o molda à sua imagem, mas ao mesmo tempo se dobra e se adapta a coisas materiais que a ela resistem. O grupo se fecha no contexto que construiu”. (HALBWACHS, 2006, p. 159). O espaço está presente na construção da memória coletiva, mesmo que pareça imperceptível:

Os diversos bairros de uma cidade e as casas de uma quadra têm uma localização fixa e também estão presos ao solo, como as árvores, os rochedos, uma colina ou um planalto. Por isso o grupo urbano não tem a impressão de mudar enquanto a aparência das ruas e das construções permanece idêntica; existem poucas formações sócias [sic] ao mesmo tempo mais estáveis e de duração mais segura. [...].

Para apreender corretamente esse tipo de influência que os diversos pontos de uma cidade exercem sobre os grupos que a ela se adaptaram lentamente, numa grande cidade moderna seria preciso observar principalmente os quarteirões antigos ou as regiões relativamente isoladas, de onde os moradores só se afastam para ir ao trabalho e que formam uma espécie de pequenos mundos fechados — ou ainda, mesmo nas partes novas da cidade, as ruas e avenidas povoadas principalmente por trabalhadores e onde estes se sentem bem à vontade, porque entre a moradia e a rua sempre estão ocorrendo mudanças, as relações de vizinhança ali estão sempre se multiplicando. (HALBWACHS, 2006, p. 160; 162).

A interação entre os grupos sociais está sempre em movimento, em adaptação, em transformação, no entanto, esses grupos têm a ilusão de estarem estáticos, pois estão inseridos num espaço físico que parece fixo, que possui mudanças muito lentas e particularmente imperceptíveis. O espaço tem sua importância na memória coletiva, atuando como uma moldura para um quadro. No entanto, segundo Halbwachs, o espaço não tem como evocar as lembranças por si só. Toda memória coletiva acontece num contexto espacial, mas devemos fixar nosso pensamento em nosso espaço, para que as lembranças reapareçam.

Diremos que realmente não há grupo nem gênero de atividade coletiva que não tenha alguma relação com o lugar — ou seja, com uma parte do espaço — mas diremos também que isso está longe de ser o suficiente para explicar que, representando a imagem do lugar, sejamos levados a pensar em tal ação do grupo que lhe esteve associado. Todo quadro tem uma moldura, mas não há nenhuma relação necessária e

estreita entre um e outra, e a moldura não tem como evocar o quadro (HALBWACHS, 2006, p. 170-171).

Mesmo que o espaço seja mutável, com o passar do tempo, quando evocamos uma lembrança, ela sempre será remetida a um espaço físico estável em nosso pensamento, o que nos ajuda a preservar a nossa memória. Halbwachs afirma que evocar a imagem do espaço, que é estável em nosso pensamento, ajuda a preservar a nossa memória do envelhecimento do tempo. Aí está a relevância do espaço físico para nossa memória. Assim como Halbwachs, Paul Ricoeur também apresenta uma reflexão sobre a questão de a memória estar ligada a um lugar e faz uma associação entre os lugares e a memória. Ele chama esse fenômeno de os “lugares de memória”⁷:

A transição da memória corporal para a memória dos lugares é assegurada por atos tão importantes como orientar-se, deslocar-se, e, acima de tudo, habitar. É na superfície habitável da terra que nos lembramos de ter viajado e visitado locais memoráveis. Assim, as “coisas” lembradas são intrinsecamente associadas a lugares. E não é por acaso que dizemos, sobre uma coisa que aconteceu, que ela teve lugar. É de fato nesse nível primordial que se constitui o fenômeno dos “lugares de memória”, antes que eles se tornem uma referência para o conhecimento histórico. Esses lugares de memória funcionam principalmente à maneira dos *reminders* [lembranças], dos indícios de recordação, ao oferecerem alternadamente um apoio à memória que falha, uma luta na luta contra o esquecimento, até mesmo uma suplementação tácita da memória morta (RICOEUR, 2007, p. 57-58).

Ao contrário de Halbwachs, que considera o lugar apenas como moldura para o quadro da memória, Ricoeur propõe que os lugares evocam as lembranças e se tornam um apoio à memória. Portanto, o lugar está presente na memória e também tem “o poder” para trazer a lembrança e preservar a memória.

O fenômeno dos “lugares de memória”, apresentado por Ricoeur, também pode ser observado na narrativa de Gertopán. O bairro onde os judeus moravam, a loja de seus pais, a avenida, o Mercado (feira) que o narrador visitava e o beco escuro onde José abriu seu consultório são fundamentais para evocar as lembranças e, juntamente com as experiências vividas pelo protagonista, esses espaços compõem todo o quadro dessa literatura memorialística.

⁷ Pierre Nora foi o precursor dos estudos dos “lugares de memória”, no entanto nossa pesquisa se baseia nas contribuições de Paul Ricoeur.

Na obra literária, o beco escuro pode ser reconhecido como o espaço físico fundamental para o desenvolvimento de toda a narrativa. Esse é o lugar que atormentava as lembranças do primo Ariel e que foi o cenário das aventuras de José na sua adolescência. Esse beco inspirou o título da obra e a fotografia desse espaço físico é capa do livro. No excerto abaixo temos a descrição do *callejón oscuro* narrada por José:

[...] debo volver a la vida en este barrio años atrás, en el que existía un lugar, un espacio muy pequeño que apenas ocupaba unos cuantos metros, ubicado no lejos de la avenida principal, y en el que debido al exceso de puestos de ventas, casillas, de construcciones aledañas, no se asomaba el sol. No existía luz natural, ni siquiera un atisbo de claridad en aquel pabellón oscuro, en donde la única iluminación era la de un foco colgado de un techo de madera, lleno de polvo y telarañas. Se trataba de una techumbre endeble apenas sostenida por un par de vigas, distinta a la que cobija un hogar.

Era un depósito que además de almacenar hierbas medicinales y otro tipo de mercaderías, albergaba prostitución, robos, ultrajes. En su interior no se sabía de días, ni de noches. De fechas, ni de ilusiones. Durante el invierno, el frío era desgarrador y en el verano, el calor era insoportable.

En ese Callejón se gestaban los negocios más turbios, los encuentros más peligrosos y se cometían abusos terribles, en relación con la lujuria y ciertos cuerpos en alquiler. (GERTOPÁN, 2010, p. 18-19).

Aquele era um lugar sujo, sem iluminação natural, onde havia diversos tipos de vendas de mercadorias e outros negócios ilegais. Um lugar onde a miséria humana reinava e seus frequentadores eram pessoas que estavam às margens da sociedade. No entanto, o beco despertou em José a curiosidade e a compaixão, pois ele passou a atuar como terapeuta numa de suas salas, ajudando os moradores locais.

José relata que o bairro Pettrossi, onde ele morava, era mais silencioso pela manhã, em contraste com o do outro lado da avenida. Ele tinha a impressão que seus vizinhos se negavam a reconhecer que pertenciam àquele lugar, pois era um território emprestado, temporário. Os imigrantes judeus fixaram residência naquele local, pois haviam fugido da guerra. Assim, eles tentaram tocar seus negócios, continuar suas famílias, mas não se esqueciam de onde tinham partido e desejavam regressar à sua antiga pátria. Aquelas famílias imigrantes continuavam vivendo um autoexílio:

Los balbuceos se hacían cada vez más claros, más nítidos, en medio de aquella modorra reconocí uno que otro, estaban ahí cercanos, cruzando la avenida, porque de este lado donde yo vivía el silencio duraba más tiempo, tardaba en desentumecerse como si se negara a reconocer aquel lugar como suyo. Igual a nosotros, sus moradores, ya que sentíamos que se trataba de un territorio prestado, temporal. De no sentir así, jamás

saldríamos de ahí. La esperanza del retorno a nuestra patria no se cumpliría. Patria que en realidad nunca supe cuál era. Lo único seguro es que había que seguir rechazando, negando a este lugar como propio. Continuábamos siendo parte de un pueblo en el exilio (GERTOPÁN, 2010, p. 43).

José estava se sentindo deslocado ao viver preso naquele bairro, pois seus pais o havia proibido que ele atravessasse a avenida. Sabemos que a rebeldia é uma característica da fase da adolescência e com José não foi diferente. Em busca de novas aventuras e do autoconhecimento, o rapaz ousou escapar daquele gueto e descobrir outros mundos:

La lectura era mi único entretenimiento hasta el día en que crucé el puente imaginario y descubrí el otro mundo, el mundo del Mercado. Desde entonces, sólo deseaba encontrarme en ese territorio, el que también estaba delimitado por un cerco ficticio, y cuya vida interna dependía únicamente de sus habitantes, forasteros que llegaban hasta ahí en busca de sustento. (GERTOPÁN, 2010, p. 43).

Conforme lemos nesse trecho, José conta que o outro bairro também era isolado. Os dois bairros, lado a lado, eram habitados por pequenos grupos culturais distintos, forasteiros, ambos eram comerciantes, mas não se relacionavam. O outro território era habitado por camponeses paraguaios e indígenas, que de certa forma também se sentiam deslocados de seus lugares. José confidencia que após ter conhecido o Mercado, foi que ele descobriu o *callejón oscuro*:

[...] Después de llevar viviendo en ese barrio, y de haber recorrido sus calles tan particulares, de haber cruzado el puente imaginario que pesaba por encima de la avenida y de haberme empavonado con la magia del Mercado, descubrí el Callejón Oscuro y todo lo que me tenía reservado, pero para ello hubo de pasar mucho tiempo. (GERTOPÁN, 2010, p. 44).

Quando José era um adolescente, ele se encantava em descobrir outras culturas, comidas típicas paraguaias e a fazer novas amizades. Ele começou a aprender algumas palavras em língua indígenas e a se interessar pelas plantas medicinais. Percebemos que José se sentia triste por seus familiares estarem distanciados do outro território. José relembra que as vozes e os cheiros do Mercado se misturavam aos de seu bairro, e, apesar disso, as culturas viviam isoladas:

Llevábamos tiempo viviendo en ese barrio, bordeado por una franja angosta que me estaba prohibida atravesar. Separados del otro mundo — del mundo del Mercado — por una avenida en la que transitaban carros, carretillas, camiones, pero que dejaba que las voces y los olores

se entremezclaran con los nuestros, aunque permaneciendo resguardados cada uno en su propia cultura. [...] ¿Qué había fuera de ese territorio, de esa cuadra, en donde aparentemente permanecíamos protegidos mis padres y yo de todo mal que desde ahí nos pudieran ocasionar? Pero ellos no comprendían que la guerra había terminado, que la persecución se llevó a cabo en otro continente, y que nosotros nos encontrábamos a salvo en este lugar, que tampoco se trataba de un refugio. Aquí, nadie iba arrebatar nos nuestras pertenencias ni nuestras vidas. Lamentablemente, ellos nunca entendieron que habíamos conseguido la libertad, como tampoco que por ser judíos teníamos que llevar siempre la marca de una estrella amarilla en la solapa. En éste país a nadie le interesaba nuestra condición, nadie identificaba en nosotros algún distintivo, éramos igual al resto, personas comunes, como los demás. (GERTOPÁN, 2010, p. 48).

José relata que seus familiares ainda viviam oprimidos pelas lembranças das perseguições antissemitas. Essas memórias traumáticas os impediam de viver sem medo e de interagir com outras pessoas. O adolescente desejava ter uma vida comum como os demais paraguaios. Queria reconhecer o Paraguai como seu lar e não temer as pessoas ou viver desejando voltar para casa, pois ali era seu lar. Seus parentes viviam sob as opressões das memórias traumáticas:

Los fantasmas de la abuela, con quienes ella convivió siempre, eran los mismos que también perseguían a mis padres. Fantasmas que no pudieron olvidar el hambre, la muerte, el infortunio. Espectros con manchas de dolor selladas en sus recuerdos y que no se iban nunca. La existencia de sus antepasados se desarrolló bajo la persecución, en un ambiente frío, con nieve. Sin embargo, la nuestra, bajo el sol, con el aroma a hierbas, pero con la presencia de un dictador, quien gobernaba de manera despótico a este país, era otra realidad. No la de aquellos fantasmas. (GERTOPÁN, 2010, p. 48-49).

Os fantasmas do passado os impediam de se libertar, de viver novas experiências, de ter uma vida feliz e tranquila, mas José não desejava continuar vivendo assim. O Paraguai tinha outra realidade. Segundo o Portal Guarani (2015a), a obra *El callejón oscuro* “se sitúa en los años de la dictadura del general Alfredo Stroessner (1954-1989)”. O narrador menciona que, naquele período político, havia um ditador, porém, aparentemente, seus familiares não corriam risco de vida como na Europa nazista. A comunidade judaica, como destacado na obra, isolava-se em guetos, e não se envolvia com as questões políticas que afligiam o Paraguai. José comprova isso em suas memórias. No fragmento a seguir, ele descreve a maneira como os judeus se isolavam em seu próprio bairro, o gueto judeu:

Las comarcas estaban separadas, a pesar de que cada una necesitara de la otra, igual a gemelos nacidos de una misma matriz, pero concebidos en tiempos y por progenitores diferentes, que hablaban idiomas distintos, pero amamantados por un mismo pecho. [...] Ninguno de los que vivíamos del otro lado, donde estaban las tiendas, cruzaba la franja que separaba ambos, de no ser por extrema necesidad. Nos manteníamos como en un pequeño *ghetto*, cercados de alambrados ficticios. Seguíamos ahí oliendo el hambre, en silencio. Palpando el miedo, sufriendo el destierro, hablando un idioma distinto. En el territorio del otro lado, llegaban seres de regiones apartadas, en busca de trabajo. Venían a vender sus hortalizas, frutas, todo tipo de productos, pero nunca su dignidad. Sin embargo, eran forasteros, igual a nosotros. (GERTOPÁN, 2010, p. 49).

Destacamos, nessa citação, a bela comparação das duas comunidades (os judeus e os paraguaios) como sendo irmãos gêmeos, nascidos da mesma mãe, mas concebidos em tempos e por pais diferentes. “Os irmãos” falam idiomas diferentes (*íidiche*, espanhol, o guarani, o maacá), porém são amamentados pelo mesmo peito. Quem seria a mãe? O exílio, a miséria, a fome, o medo, a solidão, a tristeza. As duas comunidades estavam separadas, e por isso necessitavam uma da outra. O protagonista reconhecia que as duas comunidades tinham muito em comum e poderiam se aproximar, se ajudar, se abraçar.

Em *El callejón oscuro*, lemos um diálogo entre José e seus pais, quando estes descobrem que seu filho estava saindo escondido para passar o tempo no Mercado, desobedecendo suas ordens, e que havia mentido sobre estar cursando uma faculdade:

- ¿Por qué nos engañaste tanto tiempo? — preguntó esta vez mi madre.
- Porque si te decía la verdad, no ibas a dejar que haga lo que en realidad siempre quise.
- ¿Y qué es, José?
- Leer, leer, aprender. Cuidar a un grupo de personas, interesarme por sus enfermedades, buscar la manera de ayudarlas. Quiero cuidar a la gente necesitada, a los que viven en los cinturones de pobreza, a los que no tienen ni lo básico para vivir decentemente.
- Hablás como un comunista — agregó mi padre.
- ¡Nos van a matar! — dijo mi madre —, no es suficiente que tuvimos que salir escapando de Polonia, de acá también vamos a tener que salir huyendo por tu culpa.
- ¿Leer sobre qué? ¿Aprender sobre qué? — preguntó de nuevo mi padre.
- Sobre todo lo que a mí me interesa.
- ¿Y eso te va a dar de comer? ¿Con eso que lees y que vos decís que aprendes te vas a ganar la vida?
- No sé, papá, creo que sí.
- ¿En qué te vas a convertir, hijo?
- Ya me convertí.
- Ya te convertiste, no entiendo.
- En un médico naturalista — respondí. (GERTOPÁN, 2010, p. 209-210).

O medo pela perseguição ainda assombrava os pais de José, pois quando moravam na Polônia eles sofreram com o antissemitismo e no Paraguai temiam a ditadura de Stroessner, porque o governo perseguia, prendia, torturava e matava aqueles que julgava ser comunistas. O protagonista não se deixava levar pelos temores da sua família. Mesmo que não recebesse a bênção paterna para exercer a sua nova profissão, o rapaz estava firme em sua decisão e desejava permanecer no Paraguai, para ajudar as pessoas carentes com a medicina naturalista.

José se aventurou a atravessar as fronteiras físicas do seu bairro (a avenida), assim como as fronteiras culturais (a tradição judaica) e os limites que seus pais lhe impunham (projeto de vida e profissão). Observamos o amadurecimento do personagem, a reconstrução do sujeito e de sua identidade cultural, a partir do momento em que o protagonista ousou aceitar a viver nas margens, no entre-lugar, o local onde ocorre o hibridismo cultural: o beco escuro, no qual os sujeitos vivenciam um autoexílio. O rapaz opta, por fim, a se unir ao grupo que sua família rejeitava.

A partir dessa narrativa, percebemos que pequenos grupos culturais distintos coabitavam na região. Ambos carregando suas misérias e tristezas, tentando sobreviver. Percebemos que José lamenta esse distanciamento e desejava que as pessoas se relacionassem, se apoiassem como irmãos, pois todos buscavam viver com dignidade, procurando dar o melhor sustento para suas famílias.

En ese pequeño territorio, el del Mercado, el indígena hablaba el idioma maká, algunos habitantes en guaraní, otros en castellano, unos pocos como mis padres y otros judíos, en yiddish, componiendo entre ellos una mezcla que además de atesorar varias lenguas, guardaban un sentir y una actitud diferentes, uno del otro. [...].

Cada conjunto de personas traía una historia de antepasados que contar, ninguno parecido o similar al otro, ni siquiera entre ellos, los que eran de una misma nacionalidad. *Cada grupo tenía dentro de su saber, de su tradición, la secreta verdad con relación a la felicidad, la tristeza, a la vida y a la muerte.* [...]. (GERTOPÁN, 2010, p. 177-178, grifo nosso).

Apesar das diferenças culturais, as pessoas que frequentavam o Mercado tinham muito em comum, elas viviam um autoexílio, tinham lembranças tristes sobre seu passado e necessitavam de compreensão e ajuda.

José sabia que “Cada grupo tenía dentro de su saber, de su tradición, la secreta verdad con relación a la felicidad, la tristeza, a la vida y a la muerte” (GERTOPÁN, 2010, p. 178), e por isso se identificava com os dois grupos culturais.

3.2. A representação da mulher: o sujeito feminino

Este tópico analisa as representações das personagens femininas na obra *El callejón oscuro*, de Susana Gertopán. Para melhor compreender as representações das personagens femininas, refletimos sobre sujeito feminino e seu corpo como objeto de desejo, com base nos teóricos: Judith Butler (2003); Teresa de Lauretis (1994); Cecil J. A. Zinani (2006); Michelle Perrot (2005; 2008); Thomas Bonnici (2007) e Luciana Borges (2013). Ao passo que observaremos três personagens femininas — Luisa (mãe de José); Dona China (dona do beco e do bordel); menina indígena (muda e órfã) — enquanto sujeito, seu papel social, relações de poder e construção da identidade feminina.

Na obra *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, Judith Butler (2003) apresenta alguns conceitos e distinções sobre sujeito mulher, sexo feminino, gênero feminino e suas relações de poder. Butler afirma que a categoria das “mulheres” é o sujeito do feminismo, que é censurada pelos mesmos poderes dos quais deseja se libertar:

Não basta inquirir como as mulheres podem se fazer representar mais plenamente na linguagem e na política. A crítica feminista também deve compreender como a categoria das “mulheres”, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se a emancipação. (BUTLER, 2003, p. 19).

De acordo com Butler, o gênero é, portanto, construído socialmente através da relação entre sujeitos num determinado contexto:

[...] Como ponto de partida de uma teoria social do gênero, entretanto, a concepção universal da pessoa é deslocada pelas posições históricas ou antropológicas que *compreendem o gênero como uma relação entre sujeitos socialmente constituídos, em contextos especificáveis*. Esse ponto de vista *relacional ou contextual sugere que o que a pessoa “é” — e a rigor, o que o gênero “é” — refere-se sempre às relações construídas em que ela é determinada*. Como fenômeno inconstante e contextual, o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes. (BUTLER, 2003, p. 29, grifo nosso).

A professora Teresa de Lauretis (1994), em seu texto “A tecnologia do gênero”, afirma que nos anos 1960 e 1970, nos escritos feministas e nas práticas culturais, o conceito de gênero estava ligado à diferença sexual, à diferença entre a mulher e o homem, o feminino e o masculino. Lauretis refuta esse conceito de gênero e, baseada nos conceitos de Foucault, propõe que o gênero é uma representação e autorrepresentação

ideológica, sendo um produto de diferentes tecnologias sociais, de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana, a qual está em processo de construção e de desconstrução.

Concordando com esse pensamento, Cecil Jeanine Albert Zinani, em seu livro *Literatura e gênero: a construção da identidade feminina*, afirma que a construção do sujeito feminino “é um processo com raízes históricas que implica transformações relevantes na sociedade” (2006, p. 49).

Ainda de acordo com Zinani, podemos compreender que “a identidade se estrutura através da interação do sujeito com a sociedade, evidenciando-se essa interação por meio das práticas sociais, as quais lhe conferem um caráter polifônico” (2006, p. 51). O sujeito se constitui “pela imagem que os outros fazem do indivíduo aliada à representação que o indivíduo faz de si mesmo” (p. 76).

Sobre esse processo de constituição do sujeito, o teórico Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006), assinala que a participação em relações sociais amplas forma a subjetividade do indivíduo, e também, que as estruturas sociais são mantidas pelos papéis desempenhados pelos indivíduos nessa sociedade.

Em relação à representação do sujeito feminino no geral das obras literárias de Susana Gertopán em apenas três, do total de dez, possuem personagens narradoras de suas histórias — como mencionamos no tópico “Literatura e memória: a arte de traduzir histórias” do primeiro capítulo. Alexandra S. Pinheiro observa que

As demais são marcadas pela voz masculina. Ao ser indagada sobre essa questão, a autora argumenta a partir de sua vivência religiosa: “Quizás porque mucho de mi narrativa cuenta de la tradición judía y se necesita de un varón para contar la tradición, las mujeres no son tan activas dentro de la tradición” (PINHEIRO, 2017, p. 28).

Na obra *El callejón oscuro*, a representação da divisão dos papéis entre os gêneros daquela sociedade é evidente. Em primeiro lugar, a função de destaque competia aos homens com o sustento da casa, o trabalho no comércio, a proteção da propriedade e da família; também tinham a possibilidade de estudar e liberdade para viajar. Em segundo lugar, as mulheres tinham a incumbência de conceber e educar os filhos e de cuidar dos afazeres domésticos. Elas deveriam permanecer no ambiente familiar, sempre obedecendo às ordens dos pais ou dos maridos. As identidades das personagens femininas da nossa análise já estavam pré-estabelecidas pelas regras da sociedade e das tradições familiares.

Alguns conceitos importantes, apresentados por Michelle Perrot, ajudam a compreender a questão do gênero feminino. Perrot (2005) esclarece que a biologização, a sexualização do gênero e a diferença entre os sexos, “traz uma base, um fundamento naturalista para a teoria das esferas — o público e o privado — identificadas com os dois sexos, teoria pela qual os pensadores e os políticos tentam organizar racionalmente a sociedade do século XIX” (2005, p. 470). A pesquisadora conclui que esta

naturalização das mulheres, presas a seus corpos, à sua função reprodutora materna e doméstica, e excluídas da cidadania política em nome desta mesma identidade, traz uma base biológica ao discurso paralelo e simultâneo da utilidade social (PERROT, 2005, p. 470).

Tal pensamento naturalista é representado no romance de Susana Gertopán através da personagem Luisa, mãe do protagonista José, ao cumprir com seu papel social na família e na sociedade. A senhora Luisa era uma típica dona de casa que limpa e faz a comida, cuida do esposo e do filho; ela também ajuda o marido na loja, se preocupa com os estudos do filho, desejando que ele se case e tenha uma família. Observe o comportamento de Luisa no seguinte excerto:

Una noche, se estaba acercando una festividad judía, cuando mi madre, en medio de un interrogatorio me preguntó:
 — José, ¿cuándo nos vas a dar la satisfacción de traer a una novia a comer con nosotros? Siempre estamos solamente los tres, no te parece que ya es hora de que formes tu familia, dejaste de ser un adolescente, ahora sos un hombre.
 Yo no respondí.
 — Tu vida es tan rara, solamente te vas a la facultad, no recibís amigos, no salís con chicas, nunca paseas. ¿Qué te pasa, José?
 Permanecí en silencio.
 — José, hijo, ¿cuándo te vas a recibir de abogado? — preguntó mi madre.
 — Ya falta poco, mamá — dije.
 — Aunque sea esa satisfacción quiero tener antes de morir.
 — Todavía falta — volví a decir.
 — Cómo que todavía falta. ¿Cuántos años lleva esa carrera? — preguntó de nuevo mi madre.
 No emití ningún comentario. De vuelta me sentía prisionero. Me estaba ahogando en medio de ese interrogatorio. [...]. (GERTOPÁN, 2010, p. 207-208).

Luisa segue os padrões da sociedade, segue as tradições da sua religião e cultura, por isso ela não aceitava ver o seu único filho, do sexo masculino, solteiro, sem uma namorada, sem amigos. Na tradição judaica o homem tem a obrigação de se casar e formar uma família. Luisa e seu esposo são pais superprotetores e autoritários, parecem não perceber que seu filho se sentia um prisioneiro.

A pesar disso, a senhora Luisa praticava a caridade dando o desjejum todas as manhãs ao mendigo Ovidio, que ficava sentado na esquina de sua casa:

De pronto, oí la voz de mi madre.
 — José, José, ¿dónde estás?
 — ¡En el negocio! — respondí.
 — Por favor, llévale este plato de comida a Ovidio.
 — Bueno, está bien.
 Mi madre todas las mañanas se encargaba de que Ovidio tuviese algo que comer. [...]. (GERTOPÁN, 2010, p. 59).

Praticar a caridade, demonstrar a bondade para com sua comunidade judaica e para a comunidade que lhes acolhia era uma das práticas das damas da sociedade judaica. A pesquisadora Daniela Susana S. Guertzenstein, em “Identidade feminina na literatura judaica ortodoxa brasileira” (2019), apresenta, brevemente, outras particularidades sobre o papel da mulher na educação judaica ortodoxa:

No judaísmo ortodoxo as pessoas de sexo feminino não são reconhecidas como testemunhas para as cerimônias de casamento, divórcio e outros compromissos entre os judeus ortodoxos. [...] O programa escolar do ensino médio das instituições femininas judaicas ortodoxas prejudica a inserção de suas estudantes em ambientes acadêmicos e a inclusão profissional fora dos ambientes judaicos ortodoxos. [...] O público feminino é doutrinado para o casamento, alienado ostensivamente por meio dos produtos midiáticos produzidos para mulheres em conformidade com a supervisão dos líderes de suas instituições religiosas. [...] Quando as estudantes terminam o ensino médio, procuram centros para preparação de professoras de judaísmo que contam com alguns poucos cursos técnicos profissionalizantes em instituições de redes transnacionais de suas comunidades judaicas ortodoxas globais. (GUERTZENSTEIN, 2019, p. 180).

A mulher judia ortodoxa não possui autonomia para cursar um ensino superior ou até mesmo seguir uma carreira profissional, sendo orientada ao casamento e cuidados com a família. Sendo assim, consideramos que a personagem Luisa é uma representação ideal do papel da mulher judia dentro de sua tradição cultural.

Na narrativa observamos que a mãe de José se sentia triste e com saudades da mãe falecida e dos irmãos que retornaram para a Polônia, sem autonomia profissional e com poucos relacionamentos sociais no Paraguai (apenas pessoas da sua comunidade). Por isso a única motivação de Luisa era educar seu filho para ter uma profissão, se casar e retornar para a Polônia. A relutância dela em aprender a cultura paraguaia resulta do medo em perder sua identidade cultural como mulher judia europeia. Ela não desejava criar

raízes no Paraguai e por isso insistia em falar apenas sua língua materna, mesmo conhecendo o espanhol (como apresentamos no item 2.1 desta dissertação).

Na obra, também temos a representação de outra personagem feminina que, no entanto, foge aos padrões sociais exigidos para as mulheres daquela época. A cafetina chamada China era dona do *callejón oscuro* e do bordel que ficava nesse mesmo beco. Por causa da sua profissão, ela era excluída da sociedade. O *callejón oscuro* era um espaço excluído do restante do Mercado, era um local de comércio ilegal, onde havia jogos de azar, prostituição, aborto, abusos e todo tipo de miséria humana:

Resultó ser que la dueña del Callejón era una mujer muy astuta, llamada China, y para quien trabajaban el rufián, el usurero y la vendedora de remedios. Nadie sabía por qué ella se había adueñado de ese Callejón. [...].

Ella, asimismo, era la propietaria, o se había adueñado gracias a sus amores con un Militar casado, de otro lugar, no menos tenebroso que el Callejón, y el que más tarde descubrí.

Finalmente, Doña China era la propietaria de una casa de citas, que funcionaba pegada al Callejón, como la continuación de este, separada por una fina pared. En las noches, cuando el Callejón permanecía cerrado, las chicas del rufián iban a trabajar al prostíbulo de doña China. [...]. Y en otra pieza, la vendedora de medicamentos — la que paseaba por el Callejón Oscuro ofreciendo todo tipo de medicina — practicaba abortos. (GERTOPÁN, 2010, p. 201-202).

Dona China, teve um relacionamento extraconjugal com um militar casado, o que a favoreceu de modo a poder se apoderar do espaço do beco escuro, possibilitando que alugasse as suas salas para outros comerciantes ilegais e até mesmo gerenciasse o próprio bordel.

Sobre a questão da prostituição, Michelle Perrot (2008, p. 76) considera que o corpo da mulher era comprado, fato que a sociedade reprovava. No entanto, “A prostituição é um sistema antigo e quase universal, mas organizado de maneira diferente e diversamente considerado, com *status* diferentes e diferentes hierarquias internas”. (PERROT, 2008, p. 77). Dessa forma podemos perceber que Dona China luta para sobreviver e ser aceita novamente, conseguindo conquistar seu espaço, adquirindo *status* como proprietária do *callejón oscuro*, sendo respeitada pelos traficantes, agiotas, vendedores e clientes que frequentavam aquele local.

Nessas condições, a *sexualidade venal* seria quase um progresso se ela se limitasse à remuneração de um “serviço sexual”. É esse o princípio — o da mulher livre num mercado livre — que leva certas feministas a defender o direito à prostituição. Mas motivada, na maior parte do tempo, pela miséria, pela solidão, a prostituição é acompanhada de uma

exploração, ou mesmo de uma super-exploração, do corpo e do sexo das mulheres. O que coloca em questão o comércio do corpo das mulheres. (PERROT, 2008, p. 77).

Portanto, a Dona China também é uma vítima da sociedade e ter se tornado cafetina não foi uma mera opção profissional, foi uma estratégia arriscada para lutar pela sobrevivência. A narrativa literária relata que no natal, a Dona China vai até o consultório de José e pede ajuda para tratar de sua enfermidade, pois não conseguia dormir, sentia medo a noite e quando dormia ela tinha pesadelos. José conversa com a senhora, fazendo algumas perguntas, para diagnosticar qual era a enfermidade. Dona China começa a chorar e a comentar sobre seu passado. Ela revela que fora expulsa da sua vila por ter sido abusada sexualmente pelo seu próprio pai:

— A mí me echaron hace mucho de mi pueblo.

— ¿Te echaron, por qué?

— Es una historia triste [...].

— Contame, ¿qué pasó?

Doña China se echó a llorar, y a maldecir a su padre, un violador que la dejó emocionalmente inutilizada y alejada de su familia. Me contó sobre su llegada a Asunción, cómo fue que hizo cargo del Callejón y de la casa al lado, sobre su profesión y de muchos episodios más de su vida que fue relatándome. (GERTOPÁN, 2010, p. 226).

A atitude do pai de Dona China representa o domínio do patriarcalismo na sociedade paraguaia. Sobre a questão do patriarcalismo, segundo os Estudos Pós-Coloniais, o pesquisador brasileiro Thomas Bonnici, em seu livro *Teoria e Crítica Literária Feminista* (2007), afirma que o controle e a repressão da mulher pela sociedade masculina “parece constituir a forma histórica mais importante da divisão e opressão social. É um vazio conjunto universal [sic] de instituições que legitimam e perpetuam o poder e a agressão masculina” (BONNICI, 2007, p. 198). Com base nessa afirmação, observamos que, em *El callejón oscuro*, o poder do homem sobre a mulher e a agressão masculina estão representadas pelo abuso que aquele pai cometeu contra sua própria filha.

Desse modo, a dominação patriarcal se legitima tanto pela força da tradição que demarca o conteúdo dos ordenamentos como pelo livre-arbítrio de seu senhor, como afirma Zinani:

A dominação patriarcal é constituída por associações de caráter comunitário, regidas pelo “senhor”, o qual é obedecido pelos “súditos”. O poder do patriarca alicerça-se na ideia arraigada nos dominados de que essa dominação é um direito próprio e tradicional do dominador e que se exerce no interesse deles próprios. A fidelidade é um princípio básico, legitimado pela santidade da tradição. Como as normas seguem

sempre as mesmas, já que reconhecidamente são válidas desde sempre, não é possível criar um novo ordenamento. As pendências que não se enquadram no estatuto estabelecido são resolvidas pelo arbítrio do senhor que age de acordo com seu sentimento de equidade e suas preferências pessoais. O servidor é completamente dependente do senhor ao qual se liga por fidelidade pessoal (ZINANI, 2006, p. 60).

A repressão da mulher pela sociedade masculina, ou seja, a dominação patriarcal, está representada pelo fato da Dona China, vítima da agressão, ter sido expulsa da sua vila, afastada da própria família. Todo esse abuso sofrido por essa senhora a impediu de desempenhar um papel socialmente aceitável em sua comunidade. Consequentemente, Dona China precisou buscar outros meios de sobrevivência.

Luciana Borges (2013), no capítulo “O corpo e suas vias ou As cruces de um domingo vazio”, traz algumas definições sobre o corpo e a subjetividade corporificada. Em primeiro lugar, o corpo não pode ser dissociado da própria existência do ser. Um corpo não é apenas um corpo:

Ao lado da percepção de si e dos outros, a percepção de si mesmo como um corpo, como matéria corporal, é fundamental para a existência. *Eu sou um corpo*: esta sentença marca a percepção da corporalidade como invólucro do eu, como aquilo sem o qual é impossível existir; sem corpo é impossível pensar qualquer vida. Podemos pensar em uma vida para além do corpo, mas nunca aquém dele, pois a vida física, o corpo como matéria da existência é que garante, para a cultura ocidental, a série de desdobramentos a que se pode chamar de existir-no-mundo. Assim, é como se fosse fechado um círculo: eu sou um Eu, o Outro, os Outros, um Corpo. (BORGES, 2013, p. 165).

Repensando sobre a corporeidade, Luciana Borges esclarece que

[...] propõe modos outros de pensar a corporeidade, para além dos dualismos que tradicionalmente marcaram a percepção do corpo. Borrando as fronteiras e rasurando a distinção radical entre corpo e mente, a autora nos incita a pensar em uma *subjetividade corporificada* e uma *corporalidade psíquica*. O corpo não apenas vive, mas, se vive, é parte da experiência do ser e de ser. O corpo é lugar de inscrições e demarcações sociais e culturais, mas é também a experiência subjetiva do corpo que delimita seus processos. No caso das mulheres, a experiência subjetiva do corpo, genderizado e marcado, como sendo uma versão imperfeita do masculino, ou como sendo governado pelas exclusivas determinações biológicas, pode ser bastante traumática. (BORGES, 2013, p. 169-170).

A subjetividade está intrinsecamente ligada ao corpo. “Se a subjetividade é corporificada, é impossível dissociar corpo e mente. O corpo se *desnaturaliza* [...], deixa

de ser um dado, para estar sempre em processo”. (BORGES, 2013, p. 171, grifo da autora).

Sobre a questão do desejo pelo corpo não é apenas um instinto natural, mas também faz parte de uma construção subjetiva. “Assim como o corpo não é matéria amorfa e passiva, o desejo também não é apenas instintivo, mas é parte de agenciamentos que o condicionam e colonizam”. (BORGES, 2013, p. 174).

Michelle Perrot contribui com esse assunto em sua obra *Minha história das mulheres* (2008), descrevendo alguns conceitos sobre a mulher, seu sexo e seu corpo ao longo da História. De acordo com Perrot, no século XVIII — e ainda hoje, principalmente em países cristãos ocidentais — a virgindade da mulher era extremamente preservada:

O sexo das mulheres deve ser protegido, fechado e possuído. Daí a importância atribuída ao hímen e à virgindade. Principalmente pelo cristianismo, que faz da castidade e do celibato um estado superior. [...]. A virgindade é um valor supremo para as mulheres e principalmente para as moças. [...]. Filhas de Maria, elas são sujeitas à pureza. O pudor é o seu ornamento. A virgindade no casamento é o seu capital mais precioso. Elas devem se defender da sedução e do estupro, que entretanto, é praticado por bandos de jovens em busca de iniciação. Moças sozinhas à noite precisam ter cuidado. Não estão mais protegidas do que as mulheres na cidade noturna moderna. O corpo das mulheres está em perigo. A virgindade das moças pertence aos homens que a cobiçam. (PERROT, 2008, p. 64-65).

Para Perrot, o sujeito mulher tem sido reduzido ao corpo físico, ao longo da História, não sendo respeitada a sua individualidade e vontades: “Corpo desejado, o corpo das mulheres é também, no curso da história, um corpo dominado, subjugado, muitas vezes roubado, em sua própria sexualidade”. (PERROT, 2008, p. 76). Lamentavelmente, a prática de violar e de abusar do corpo da mulher tem ocorrida há muitos anos, séculos, por meio do estupro. Perrot define que o estupro coletivo é

[...] identificado pelos medievalistas (Jacques Rossiaud, Georges Duby) como uma prática bastante usual dos bandos de jovens, um ritual de virilidade. Fenômeno análogo, mas estigmatizado, ocorre nos bairros populares da atualidade, mesmo que se considere que haja um exagero das mídias a esse respeito.

O que chamamos de “assédio sexual” já era corrente, principalmente no trabalho. Ele ameaçava várias categorias de moças e de mulheres: serviçais de propriedades rurais. (PERROT, 2008, p. 76).

Na narrativa *El callejón oscuro*, a terceira personagem feminina analisada é a menina indígena, sem nome, órfã, muda e que foi representada basicamente por seu corpo, como objeto de desejo e alvo de abuso. Numa certa tarde José estava caminhando pelo

Mercado e resolveu ajudar uma senhora vendedora de linguiças e embutidos a arrumar suas mercadorias, que haviam caído no chão. Em seguida, ele ouviu soluços e gemidos atrás da barraca. Quando se aproxima para verificar o que era, José se depara com um homem estuprando uma menina:

En el piso estaba una mujer sollozando, parecía desfallecer mientras un hombre sobre ella, la convertía en su víctima. Ahí se encontraba tendida la pobre, con la cabeza apoyada sobre una funda de lienzo, sucia, sin poder moverse, los brazos a cada lado eran prisioneros de la fuerza de su agresor quien, entre forcejeos le besaba el cuello, las mejillas, los ojos y luego los labios, mientras que con una de sus manos impuras recorría parte de su desnudez. La miré con detenimiento, se trataba de una niña, pero no así para aquel hombre que no distinguía a ese ser como nada más que un cuerpo de quien abusar. Ella, con frustrado esfuerzo, trataba de deshacerse de aquel ser poseído por la lujuria. Su tez sufría de una palidez mortecina.

Me acerqué [José] como una fiera, como un león, a defenderla. No podía permitir que nada malo le sucediera a ese cuerpo atacado por la insensatez de unas manos corrompidas por el deseo. (GERTOPÁN, 2010, p. 124).

José defendeu a garota, golpeando o agressor. Na luta José foi atingido e ao cair no chão começou a gritar pedindo socorro. Outros comerciantes vieram acudir José e a menina, ao passo que o agressor conseguiu fugir. Ela abraça José em sinal de gratidão e vai embora sem dizer nenhuma palavra. Passado algum tempo, ao caminhar pelo *callejón oscuro*, José reencontra a garota, que estava vendendo plantas medicinais (*yuyos*). Ele tenta conversar, mas ela não responde nada. Um senhor, que estava junto dela, revela que a menina era muda. Ele contou a José que ela fora abandonada pelos pais e era cuidada por ele e sua família, que a consideravam como sua afilhada. (GERTOPÁN, 2010, p. 142-143). *El callejón oscuro* traz a representação do estupro, do assédio sexual, do corpo da mulher em perigo, como explicou Perrot: o sujeito mulher tem sido reduzido ao corpo físico, ao corpo desejado.

Na narração dessa cena, observamos que essa personagem feminina não tem nome, é muda, portanto silenciada, e foi atacada sexualmente por pertencer a um corpo feminino com o sexo biológico feminino. A narração desse abuso representa a barbárie da sociedade machista que não reconhece as mulheres como sujeito e as querem possuir como um objeto sexual. Essa personagem é uma metáfora que critica a condição social e as relações de poder enfrentadas pelas mulheres por tantos séculos.

Destacamos, aqui, o fato assustador que aconteceu no beco escuro, sobre o qual o primo Ariel (no início da narrativa) escreveu uma carta a José pedindo que o ajudasse a

se lembrar. No final da narrativa o protagonista finalmente revela o mistério. Numa noite, os dois primos, adolescentes, saíram escondidos dos seus pais, passearam pelo Mercado 4 e depois entraram no beco. Naquele lugar sujo, com chão de terra, havia uma adolescente que estava no solo, com as pernas abertas. No meio de uma mancha de sangue havia um bebê que ela acabara de parir. Quando a criança começou a chorar, a mocinha se levantou com dificuldade e caminhou até a porta. Ela foi embora e deixou a criança abandonada, no chão, no sangue, chorando.

Essa lembrança traumática assombrava o primo Ariel. No entanto, as experiências de José com essas mulheres o faziam sentir empatia por aquelas pessoas que moravam e frequentavam o *callejón oscuro*.

Para finalizar, neste tópico analisamos a representação de três personagens femininas distintas. Em primeiro lugar temos o sujeito feminino aceito pela sociedade. A primeira personagem, Luisa, mãe de José, vive de acordo com seu papel social, seguindo os padrões de comportamento esperado para uma mulher: era casada, era mãe, cuidava da casa e da família. Ela e seu esposo também eram proprietários de uma loja na avenida principal do bairro. Assim, Luisa era aceita e respeitada pela sociedade de sua época.

Segundo Alfredo Seiferheld (2012), a Asociación de Damas Israelitas, destinada às mulheres judias — esposas, mães, filhas e irmãs —, foi criada no Paraguai entre 1915-1916, a fim de realizar beneficência e assistência à sua própria comunidade e à sociedade que lhes acolheram. Essa instituição, entre outras, proporcionava meios de influenciar as mulheres da comunidade judaica a preservar suas tradições culturais e a cultivar relações sociais. A personagem Luisa representa a mulher judia imigrante que seguia as tradições de sua religião e praticava ações como lhe eram esperados pela sociedade.

Em segundo lugar, temos o sujeito feminino marginal. A personagem Dona China vivia excluída da sociedade. Era descrita como mulher astuta, a qual havia sido abusada por seu pai e expulsa da sua vila. Sua profissão era cafetina e também vivia dos lucros dos aluguéis e taxas cobradas dos vendedores e demais pessoas que trabalhavam no *callejón oscuro*. Ela se tornou proprietária desse beco escuro e do bordel por ter sido amante de um militar. Apesar disso, mesmo estando nesta condição social inferior, ela conquistou lugar, se autoafirmando como sujeito e sendo respeitada por todos os frequentadores do *callejón oscuro*, até mesmo por policiais locais.

Em terceiro lugar temos o corpo de mulher como objeto de desejo. A terceira personagem, a menina sem nome, era muda, apenas a representação de um corpo, a anulação do sujeito feminino. Ela sofrera um estupro. Sobre sua profissão sabemos apenas

que ela ajudava seu padrinho na venda de plantas medicinais no Mercado. É a representação da mulher silenciada, apenas vista como objeto do desejo masculino e alvo dos abusos, marginalizada. Era vista pela sociedade tão somente como um corpo de mulher, sem voz, sem alma, sem personalidade, sem vontade própria.

Atualmente, no Paraguai, as mulheres têm mais oportunidades para atuar ativamente na sociedade. Segundo Barbara Potthast (2010), duas décadas após a queda do regime ditatorial de Stroessner, houve muitas mudanças legais, políticas e econômicas que abriram portas para as mulheres na sociedade e cultura paraguaia:

Se han conquistado importantes posiciones, sobre todo en el sector político formal, aunque los valores tradicionales, el autoritarismo y el pensamiento patriarcal necesitan todavía un largo trecho para cambiar, especialmente en lo que se refiere a la mentalidad y las estructuras socioeconómicas. Que una mujer indígena haya ocupado, por primera vez, una silla ministerial, durante el gobierno de Fernando Lugo, es un símbolo de estos cambios, aunque el proceso es lento y precario, como breve fue su estadía como ministra. (POTTHAST, 2010, p. 334).

Embora a autora Susana Gertopán não tenha como tema principal de suas narrativas as relações de gênero, as personagens femininas da obra *El callejón oscuro* são representações literárias significativas, que levantam questionamentos sobre a realidade, as relações de poder da sociedade e a construção da identidade de gênero das mulheres judias, indígenas e paraguaias. As mulheres latino-americanas têm ganhado cada vez mais espaço na sociedade para auxiliar nas transformações de suas comunidades. No entanto, a luta contra o autoritarismo, o patriarcalismo e os abusos continua.

Concluimos este capítulo levantando alguns questionamentos sobre *cruzar as margens* e nos levam a refletir sobre a realidade. Quais são as nossas fronteiras? Quem ou o que nos têm impedido de cruzar as margens? Assim como o protagonista José, de *El callejón oscuro*, se libertou e se encontrou ao cruzar as margens, que as nossas vivências e descobertas também possam contribuir para as várias questões sociais, culturais, nacionais e locais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Sigo caminando, oliendo, sintiendo, extrañando.
Y sigo, sin rumbo ni esperanzas.
Ciertos recuerdos me acompañan y pienso:
‘Los recuerdos son un invento triste’.
Suspiro. Ya no sueño.
Apenas siento que en esta tierra,
de todos y de nadie, yo habité.”*

Susana Gertopán, *El callejón oscuro* (2010, p. 249).

Para finalizar esta dissertação de mestrado, vamos recapitular resumidamente os assuntos tratados em cada capítulo. No inicial, “Susana Gertopan: uma escritora arconte”, apresentamos dois tópicos. No primeiro, fizemos uma reflexão sobre a literatura memorialística e as teorias sobre memória, baseadas em estudiosos como: 1) Jacques Le Goff: definições sobre memória, destacando a sua importância e inter-relações; 2) Maurice Halbwachs: o conceito de memória coletiva, criado por ele; 3) Paul Ricoeur: a fenomenologia da memória e demais conceitos ligados a ela. No segundo, temos uma reflexão crítica sobre Susana Gertopán como escritora arconte, baseada na teoria de Jacques Derrida. Também pensamos sobre a literatura escrita por mulheres e apresentamos algumas informações sobre a autora, suas obras e premiações literárias.

O capítulo dois, “*El callejón oscuro*: um ambiente plural”, foi composto por três tópicos. No primeiro, apresentamos uma contextualização histórico-cultural sobre a chegada dos imigrantes judeus no Paraguai e como se adaptaram à cultura latino-americana. Também observamos algumas características e elementos que compõem a comunidade judaica no Paraguai. Por fim, tratamos sobre o idioma *íidiche* (língua dos imigrantes judeus) e a utilização do termo “gringo” como caracterização do imigrante europeu no Paraguai. No segundo, fizemos uma reflexão teórica sobre o processo de construção de identidades culturais, a diáspora e o entre-lugar, baseadas em estudiosos como: 1) Stuart Hall: identidade cultural e construção do sujeito; 2) Juliana R. Cancian: diáspora; 3) Homi K. Bhabha: hibridismo cultural, entre outros. No último tópico, elaboramos uma síntese da obra *El callejón oscuro*, observando quais características a classificaram como literatura de gênero memorialístico, assim como uma reflexão crítica sobre o conceito de fronteira apresentado por Eduardo F. Coutinho e sua relação com a narrativa.

No último capítulo, “Cruzando as margens”, apresentamos dois tópicos de análise da obra, de acordo com o aparato teórico estudado. Primeiramente, analisamos a representação da comunidade judaica e as memórias do protagonista José, sob a ótica do hibridismo cultural e da construção da identidade cultural representadas na obra. No segundo tópico, observamos as representações de três personagens femininas: Luisa, Dona China e menina indígena e refletimos sobre algumas questões acerca do sujeito feminino e seu corpo como objeto de desejo, com base nas teorias feministas.

A relevância desta dissertação foi possibilitar que fossem analisados os relatos memorialísticos e a representação da identidade cultural, pela perspectiva do estudo de obras de autoria de mulheres, dos Estudos Culturais, dos Estudos Pós-Coloniais, entre

outros — embora esta pesquisa esteja aliada aos Estudos Culturais, ao longo da análise recorremos a outras relações como, por exemplo, a da literatura com a memória. Além disto, o trabalho contribui para o enriquecimento e a ampliação das formulações teóricas sobre os Estudos Culturais e outros estudos literários contemporâneos. A divulgação dos resultados das pesquisas em artigos e em eventos científicos, por sua vez, contribuiu para que a escritora Susana Gertopán, pouco conhecida no Brasil, tenha mais visibilidade.

Acreditamos que esta pesquisa possa colaborar para o enriquecimento da literatura contemporânea latino-americana, bem como para os estudos de literaturas de autoria feminina. Esta pesquisa também possibilitou a apresentação de trabalho no IV Seminário de Literatura e Arte Contemporânea (SELAC), nos dias 24 a 27 de abril de 2019, na Universidade Federal da Grande Dourados, no qual apresentamos a comunicação oral “Crescer nas margens: memória e identidade cultural em *El callejón oscuro*, de Susana Gertopán”. O resumo do trabalho foi publicado nos anais do Evento: Cadernos de Resumos e-ISSN 2594-4681. Em coautoria com a Profa. Dra. Alexandra Santos Pinheiro publicamos um tópico desta dissertação em formato de artigo na *Revista Rascunhos Culturais* (UFMS-Coxim), intitulado “As representações das personagens femininas na obra *El callejón oscuro*, de Susana Gertopán”⁸.

Ao cruzar as margens do seu bairro e da tradição judaica, o protagonista tem a oportunidade de refletir sobre a própria identidade e alteridade. A identidade é como um processo de construção permanente e em constante reelaboração. Vários são os traços que denotam o amadurecimento da personagem, adotando novos conceitos ao longo da narrativa. Tendo a língua como uma referência de identidade, José, num primeiro momento, não conhece e não vive uma identidade paraguaia. A narrativa relata que o protagonista falava *iídiche* entre os familiares e havia aprendido espanhol na escola. Posteriormente, ao fazer amizade com outros paraguaios e indígenas do Mercado 4, ele aprendeu a falar guarani.

Quando se tornou adulto, o personagem decidiu trabalhar no beco escuro e abriu um consultório de terapia e medicina alternativa. Ao fazer essa escolha profissional, José mostra amadurecimento e que sua identidade cultural havia se tornado híbrida. Ele se reconhecia como parte daquele país e daquele povo e por isso decidiu não seguir os sonhos dos seus pais — que fizesse uma faculdade e voltasse a morar na Polônia.

⁸ PIRUK, C. A. A.; PINHEIRO, A. S. As representações das personagens femininas na obra *El callejón oscuro*, de Susana Gertopán. **Revista Rascunhos Culturais**, UFMS, Coxim. v. 10, p. 64-83, jul./dez. 2019.

O protagonista ousou cruzar fronteiras físicas do seu bairro (a avenida), assim como as fronteiras culturais (a tradição judaica) e os limites que seus pais lhe impunham (projeto de vida e profissão). *El callejón oscuro* (2010) apresenta o processo de reconstrução do sujeito e de sua identidade cultural híbrida, a partir do momento em que o protagonista ousou aceitar viver no entre-lugar. José narra sua experiência de reconstrução da própria identidade, desconstrói o estereótipo de jovem passivo, o gringo, filho de imigrantes e assume uma identidade híbrida, pois também assimila a cultura paraguaia, reconhecendo-se como paraguaio, falante de espanhol e guarani, sem, contudo, abandonar o *iídiche*.

A literatura memorialística de Susana Gertopán, especialmente a narrativa estudada nesta dissertação, possibilita que as memórias coletivas e sociais dos imigrantes judeus e da sociedade paraguaia, vivenciadas no período pós-guerra, sejam perpetuadas. O estudo dessa obra de literatura paraguaia, escolhida como objeto de pesquisa, proporcionou muitas descobertas e contribui para nossa identificação como povo latino-americano.

A guisa de conclusões, ao encerrar essa dissertação, deixamos evidente que não se esgotam aqui as áreas possíveis de serem exploradas em outra oportunidade, visto que *El callejón oscuro* é um texto rico, abundante em significação, assim como é o ambiente plural da América Latina. Susana Gertopán e suas obras possuem grande riqueza temática, possibilitando a realização de pesquisas na área de Literatura e Estudos Culturais, assim como em outras áreas e estudos interdisciplinares como Geografia e História; e proporcionam a ampliação dos estudos sobre a literatura paraguaia e seus autores.

Realizar este trabalho de dissertação foi muito prazeroso e enriquecedor. Susana Gertopán é uma autora memorialística que aborda temáticas relevantes e ainda possui muitas obras para serem lidas e analisadas. Desejamos que essa pesquisa possa instigar que outros pesquisadores e acadêmicos se interessem pelos Estudos Literários e estudar obras escritas por mulheres. Recomendamos que as obras de Gertopán sejam traduzidas para o português e publicadas por editoras brasileiras, a fim de que mais leitores possam ter acesso às suas narrativas.

Como a epígrafe selecionada para as considerações finais nos confidencia:

Sigo caminando, oliendo, sintiendo, extrañando. Y sigo, sin rumbo ni esperanzas. Ciertos recuerdos me acompañan y pienso: “Los recuerdos

son un invento triste”. Suspiro. Ya no sueño. Apenas siento que en esta tierra, de todos y de nadie, yo habité. (GERTOPÁN, 2010, p. 249).

Relembrar as memórias do passado nem sempre é agradável, algumas são tristes e traumáticas, mas são importantes para ajudar a Humanidade a compreender sua própria história e alertar as novas gerações para que não cometam os mesmos erros que seus antepassados. Sem dúvida o ato de cruzar as margens é imprescindível no mundo contemporâneo e globalizado, pois vivemos cercados de múltiplas culturas e identidades híbridas. Assim, será possível nos conhecer melhor como sujeitos, além de aprendermos a respeitar as diversidades, cooperando mútua e positivamente para a construção de uma sociedade mais justa.

REFERÊNCIAS

Corpus selecionado

GERTOPÁN, S. **El callejón oscuro**. Asunción: Servilibro. 2010.

Obras teóricas e críticas literárias

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007, p. 713.

ACHUGAR, H. **Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura**. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ATHAYDE, T. **Teoria, crítica e história literária**. Brasília: MEC/Instituto Nacional do Livro, 1980.

BARZOTTO, L. A. (Org.). **Literatura e práticas culturais: linguagens e intercâmbios**. Campinas: Pontes Editores, 2017.

_____. **Interfaces culturais: The Ventriloquist's tale & Macunaíma**. Dourados: EdUFGD, 2011.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENJAMIN, W. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BONNICI, T. **Teoria e crítica literária feminista: Conceitos e Tendências**. Maringá: EDUEM, 2007.

BORGES, L. **O erotismo como ruptura na ficção brasileira de autoria feminina: um estudo de Clarice Lispector, Hilda Hilst e Fernanda Young**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2013. p. 151-216.

BOSI, E. **Memória e sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BUNGART NETO, P. Teorias da memória – diversidade e amplitude de enfoque: memória coletiva e memória individual. In: _____. **Augusto Meyer Proustiano: a reinvenção memorialística do eu**. Campo Grande: Ed. UFMS; Dourados: UFGD, 2014. p. 41-78.

_____. O reconhecimento tardio da autobiografia como gênero legítimo: Philippe Lejeune e seu “exército de um homem só”. In: PINHEIRO, A. S.; BUNGART NETO, P. (Orgs.). **Estudos culturais e contemporaneidade**: literatura, história e memória. Dourados: Ed. UFGD, 2012. p. 161-180.

BUNSE, H. A. W. **O ídiche**: a língua familiar dos judeus da Europa oriental e sua literatura. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1983.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 15-60.

CROLLA, A. En busca del término “gringo”: identidad, memoria y conceptualización. In: LABORANTI, M. I. (Ed.). **Viajeros. Cautivas. Inmigrantes**. Actas del Coloquio Cultura Escrita en la Argentina del siglo XIX. Rosario: UNR Editora. 2011. p. 195-215.

CUNHA, M. C. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

DERRIDA, J. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Tradução Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2001.

FELIX, L. O. **História e memória & a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: UPF, 2004.

FIGUEIREDO, E. (Org.). **Conceitos de literatura e cultura**. 2. ed. Niterói: EdUFF; Juiz de Fora: EdUFJF, 2012.

GERTOPÁN, S. Susana Gertopán por ela mesma. [Entrevista cedida a] Alexandra S. Pinheiro. **A trilogia de Susana Gertopán**: Identidades em (des)construção. Campinas: Pontes Editores, 2017. p. 151-171.

GONZÁLES, E. P.; COSER, S. (Orgs.). **Em torno da memória**: conceitos e relações. Porto Alegre: Editora Letra1, 2017.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

_____. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik; Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

_____. Quem precisa de identidade? In: **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Trad. e org. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

LABORANTI, M. I. (Ed.). **Viajeros. Cautivas. Inmigrantes**. Actas del Coloquio Cultura Escrita en la Argentina del siglo XIX. Rosario: UNR Editora. 2011.

LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. Trad.: Suzana Funk. In: HOLLANDA, H. B. (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão [et al.]. 5. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha; trad. Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

MIGNOLO, W. D. Globalização “Mundialización”: processos civilizadores e a recolocação de línguas e saberes. In: _____. **Histórias Locais/Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 376-420. [Coleção Humanitas].

MONDARDO, M. L. Encontros e os desencontros identitários na fronteira entre descendentes de italianos, alemães e poloneses (estabelecidos) e caboclos (outsiders). In: GOETTERT, J. D.; SARAT, M. (Orgs.). **Tempos e espaços civilizadores: diálogos com Norbert Elias**. Dourados: EdUFGD, 2009. p. 243-269.

NICKSON, A. El régimen de Stroessner (1954-1989). In: TELESCA, I. (Coord.). **Historia del Paraguay**. Asunción: Taurus, 2010. p. 265-294.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. Trad. Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005.

PINHEIRO, A. S. **A trilogia de Susana Gertopán: Identidades em (des)construção**. Campinas: Pontes Editores, 2017a. 171p.

_____. Os cemitérios de Dalila: Literatura e memória em *La Querida*, de Renée Ferrer. In: BARZOTTO, L. A. **Literatura e cultura: Fronteiras do saber**. Campinas: Mercado de Letras, 2017b. p. 131-149.

_____. Testemunho do Holocausto na literatura de Susana Gertopán: vozes de quem sobreviveu. In: LIMA, E. F.; WATSON, C. S. A. (Orgs.). **Identidade e diversidade cultural na América Latina**. Porto Alegre: Editora Fi, 2017c. p. 125-149.

_____. Literatura e memória em Susana Gertopán. In: GOETTERT, J. D.; MARSCHNER, W. (Orgs.). **Transfazer o Espaço: ensaios sobre literaturas nômades em metamorfoses de espaços, tempos e sujeitos andarilhos**. Dourados: Ed. UFGD, 2016. v. 2, p. 99 - 119.

_____.; FREIRE, Z. N. S. (Orgs.). **Literatura e estudos culturais: ensaios**. Dourados: EdUFGD, 2014.

_____. El nombre prestado: identidades fragmentadas na escrita de Susana Gertopán. In: TEDESCHI, L. A. (Org.). **Leituras de gênero e interculturalidade**. Dourados: Ed. UFGD, 2013. p. 123- 139.

_____.; BUNGART NETO, P. (Orgs.). **Estudos culturais e contemporaneidade: literatura, história e memória**. Dourados: Ed. UFGD, 2012.

PIZARRO, A. **O sul e os trópicos: ensaios de cultura latino-americana**. Trad. Irene Kallina, Liege Rinaldi. Niterói: EDUFF, 2006.

POTTHAST, B. La mujer en la Historia del Paraguay. In: TELESCA, I. (Coord.). **Historia del Paraguay**. Asunción: Taurus, 2010. p. 317-336.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: editora da Unicamp, 2007.

_____. **O perdão pode curar?** Tradutor: José Rosa. Covilhã: LusoSofia Press, 2005. p. 1-8. Disponível em: <http://www2.uefs.br/filosofia-bv/pdfs/ricoeur_02.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

_____. **Tempo e Narrativa** (tomo 1). Campinas: Papirus, 1994.

SARLO, B. Pós-memória, reconstituições. In: _____. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 90-113.

SCHMIDT, R. T. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: NAVARRO, M. H. **Rompendo o silêncio: Gênero e Literatura na América Latina**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995. p. 182-189. [Ensaíos].

SEIFERHELD, A. **Los judíos en el Paraguay**. Asunción: Servilibro, 2012.

SHØLLHAMMER, K. E. Breve mapeamento das últimas gerações. In: _____. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 21- 51.

SHOWALTER, E. A crítica feminista no território selvagem. Trad.: Deise Amaral. In: HOLLANDA, H. B. (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 23-57.

SOUZA, E. M. **Crítica cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

_____. **Traço crítico**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1993.

SUÁREZ, V. V. **Proceso de la literatura paraguaya: perfil histórico, bibliografía y entrevistas a los más destacados escritores paraguayos**. Asunción: Editora Litocor, 2011. [Edición corregida y aumentada].

TELESCA, I. (Coord.). **Historia del Paraguay**. Asunción: Taurus, 2010.

WHITE, H. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. Trad. Alípio Correia de Franco Neto. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Nova Fronteira, 1985.

ZINANI, C. J. A. **Literatura e Gênero**: a construção da identidade feminina. Caxias do Sul: Educs, 2006.

Artigos de periódicos

BONNICI, T. Pós-colonialismo e representação feminina na literatura pós-colonial em inglês. **Acta Sci. Human Soc. Sci.**, Maringá, v. 28, n. 1, p. 13-25, 2006.

BOSCO, F. Roland Barthes, entre o clássico e a vanguarda. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 43-52, jun. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2004000100004&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 23 abr. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2004000100004>.

CANCIAN, J. R. O contexto da diáspora na construção da identidade cultural: a experiência do personagem José Viana, do romance Sem Nome, de Helder Macedo. **BOCC - Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação**, Portugal, p. 1-12, 2007. ISSN: 1646-3137. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/cancian-juliana-contexto-da-diaspora.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2020.

COLAÇA, J. P. As políticas de línguas sobre o guarani no Paraguai e o bilinguismo imaginário. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 38, p. 204-222, jan./jun. 2016. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/download/21231/18164>>. Acesso em: 26 maio 2020.

COSTA, J. C. O gênero memorialístico na literatura e na cultura: reconstrução da experiência humana. **Guará**, Revista de Linguagem e Literatura, Mestrado em Letras da PUC Goiás, Goiânia, v. 7, n. 1, p. 50-64, jan./jun. 2017. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/guara/article/view/1202>>. Acesso em: 03 set. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.18224/gua.v7i1.1202>

COUTINHO, E. F. O comparatismo e seus diálogos nos tempos de hoje. **ComparArte**, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 8-19, jan./jun. 2017.

FEIERSTEIN, L. R. Nombres, exílios, encierros, Susana Gertopán y la(s) escritura(s) judía(s) de Paraguay. **Cadernos de língua e literatura hebraica**, USP, n. 10, p. 83- 92, 2012.

GONZAGA, A. L.; BARZOTTO, L. A. A “Crônica Fronteriza” e a crítica Latino Americana. **Papéis**, UFMS, Campo Grande, v. 18, n. 36, p. 72-92, 2014. ISSN 2448-1165.

GUERTZENSTEIN, D. S. S. Identidade feminina na literatura judaica ortodoxa brasileira. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 11, n. 2, p. 179-193, jun./dez. 2019. ISSN: 2177-3807. Disponível em: <<http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/viewFile/600/537>>. Acesso em: 27 maio 2020.

IZQUIERDO, I. Memórias. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 3, n. 6, p. 89-112, ago. 1989. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 nov. 2018.

KAHMANN, A. C.; ALÓS, A. P. Nação, fronteira e tradição: problematizações teóricas no contexto dos estudos literários. **Itinerários**, Araraquara, n. 41, p.15-35, jul./dez. 2015.

MORETTI, F. O romance: história e teoria. Tradução: Alípio Correa e Sandra Correa. **Novos estudos**, CEBRAP, São Paulo, n. 85, p. 201-212, 26 nov. 2009.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara AunKhoury. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, p. 7-28, 1981.

OLIVEIRA, A. B. de. Identidade urbana: paraguaios em Dourados-MS. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, Seção Três Lagoas, n. 23, ano 13, p. 102-134, dez./maio 2016. ISSN 1808-2653.

OLIVEIRA JÚNIOR, J. F. Literatura, fronteiras e margens: poéticas fronteiriças na fronteira Brasil-Paraguai. **Línguas e Letras**, Cascavel, v. 19, n. 42, p. 23-39, 2018. e-ISSN: 1981-4755. DOI: 10.5935/1981-4755.20180003.

PINHEIRO, A. S. Tempo de recordar: “El outro exílio” de Susana Gertopán. **LL Journal**, The Journal of the Students of the Ph. D. Program in Latin American, Iberian and Latino Cultures, 12 p., 05 mar. 2018.

_____. Uma vida entre exílios: Os desterrados geográficos e subjetivos de Gregório Gurstonsky. **Revista da Anpoll**. Florianópolis, n. 41, p. 16-28, jul./dez. 2016a.

_____. Gregório Gurstonsky e seus desterrados: memória. **Revista de Literatura, História e Memória**. Unioeste, Cascavel. v. 12, n. 19, p. 41-52. 2016b.

_____. Hay un pequeño gueto, donde vivían solamente descendentes de judíos: A diáspora na obra de Susana Gertopán. **Antares: Letras e Humanidades**. v. 6, n. 11, p. 92-108, jan./jun. 2014.

PIRUK, C. A. A.; PINHEIRO, A. S. As representações das personagens femininas na obra *El callejón oscuro*, de Susana Gertopán. **Revista Rascunhos Culturais**, UFMS, Coxim. v. 10, p. 64-83, jul./dez. 2019. ISSN 2177-3424.

SANTOS, P. S. N. dos. Fronteiras do local: o conceito de regionalismo nas literaturas da América Latina. **Revista de literatura e memória: literatura e cultura na América Latina**, Unioeste, Cascavel, v. 5, n. 5, p. 47-61. 2009. ISSN 1809-5313.

SILVA, A. M. dos S. Fronteiras e territórios de litígio na literatura moderna. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 4, n. 2, p. 11-29, jul./dez. 2012.

Sites pesquisados

ABC COLOR. **Susana Gertopán lanza nueva novela**. Asunción, 22 mar. 2017. Disponível em: <<http://www.abc.com.py/espectaculos/cultura/susana-gertopan-lanza-nueva-novela-1576133.html>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

_____. **Premio municipal de literatura 2016 para Susana Gertopán**. Asunción, 16 ago. 2016. 1 fotografia. Disponível em: <<https://www.abc.com.py/edicion-imprensa/artes-espectaculos/premio-municipal-de-literatura-2016-para-susana-gertopan-1509253.html>>. Acesso em: 26 set. 2019.

_____. **Lanzan la novela El Señor Antúnez**. Asunción, 25 ago. 2015. Disponível em: <<http://www.abc.com.py/edicion-imprensa/artes-espectaculos/lanzan-la-novela-el-senor-antunez-1401032.html>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

EL CALLEJÓN oscuro, de Susana Gertopán. Madrid: [S. n.], 25 fev. 2015. 1 vídeo (39 min). Publicado pelo canal Casa de América. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IV5ZekM0Wes>>. Acesso em: 16 set. 2019.

LEOPOLDO e SILVA, F. B. Proust: tensões do tempo. **Artepensamento: ensaios filosóficos e políticos**. 1 [S.l.: s. n.], 1992. Disponível em: <<https://artepensamento.com.br/item/bergson-proust-tensoes-do-tempo/>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

NOVO centro judaico é criado no Paraguai. **PLETZ.com**, 30 nov. 2010. Disponível em: <<http://www.pletz.com/blog/novo-centro-judaico-e-criado-no-paraguai/>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

PORTAL Guarani. **Gloria Giménez Guanes**. Asunción. 2015a. Disponível em: <http://www.portalguarani.com/813_gloria_gimenez_guanes.html>. Acesso em: 02 out. 2019.

_____. **Susana Gertopán**. El callejón oscuro. Asunción. 2015b. 1 fotografia. Disponível em: <http://www.portalguarani.com/648_susana_gertopan/13652_el_callejon_oscuro_2010__novela_de_susana_gertopan.html>. Acesso em: 30 set. 2019.

RAE. **Diccionario de la Lengua Española**. [on-line]. Termo “gringo”. 2020. Disponível em: <<https://dle.rae.es/>>. Acesso em: 21 maio 2020.

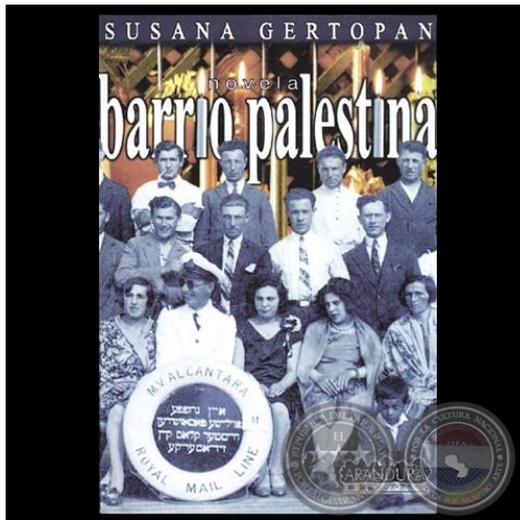
TRIP Advisor Brasil. **Mercado Municipal nº 4 e Avenida**. Assunção, Paraguai. 2019. 2 fotografias. Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g294080-d10312184-Reviews-Mercado_Municipal_4-Asuncion.html>. Acesso em: 24 out. 2019.

ULTIMA HORA. **Susana Gertopán gana el premio literario Lidia Guanes**. Asunción. 01 oct. 2010. Disponível em: <<https://www.ultimahora.com/susana-gertopan-gana-el-premio-literario-lidia-guanes-n363840.html>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

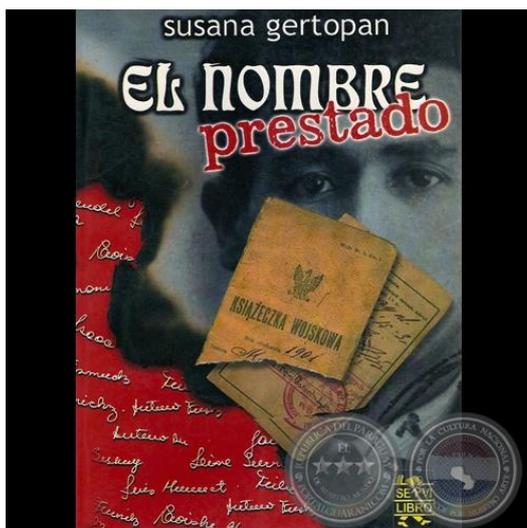
ANEXO A

Obras literárias escritas por Susana Gertopán em ordem cronológica:

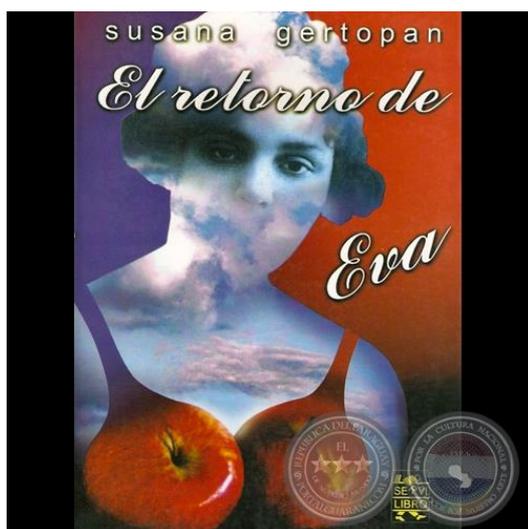
Barrio Palestina (1998):



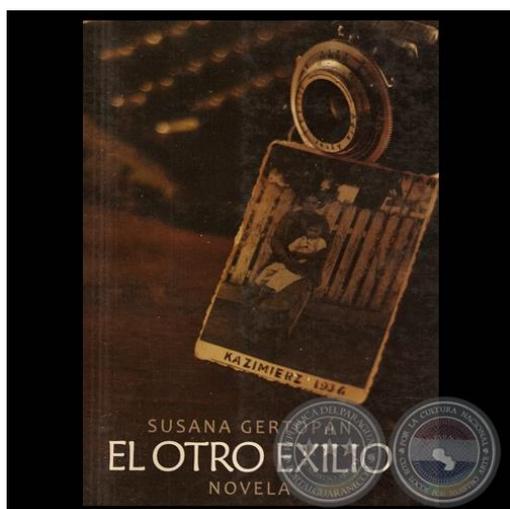
El nombre prestado (2000):



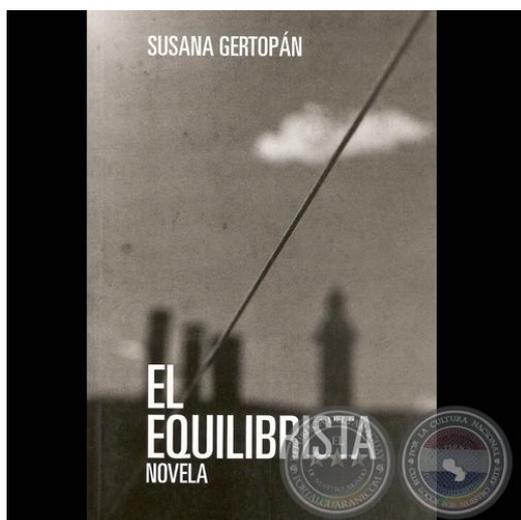
El retorno de Eva (2004):



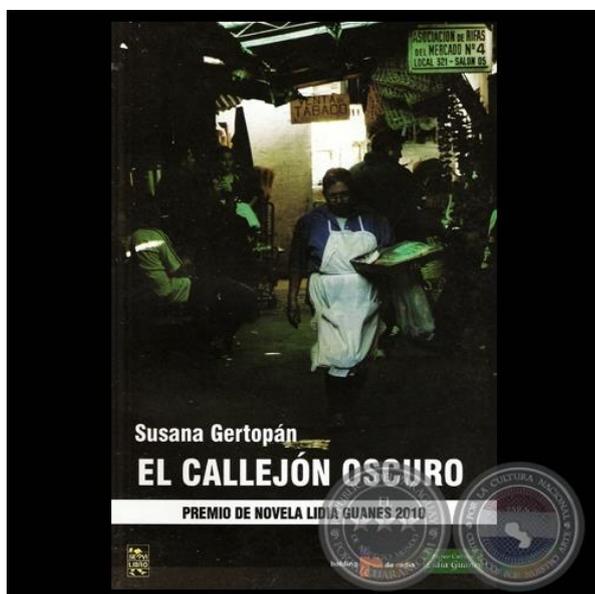
El otro exilio (2007):



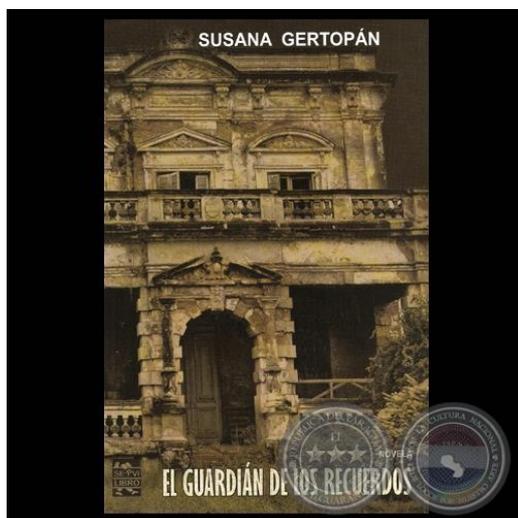
El equilibrista (2009):



El callejón oscuro (2010):



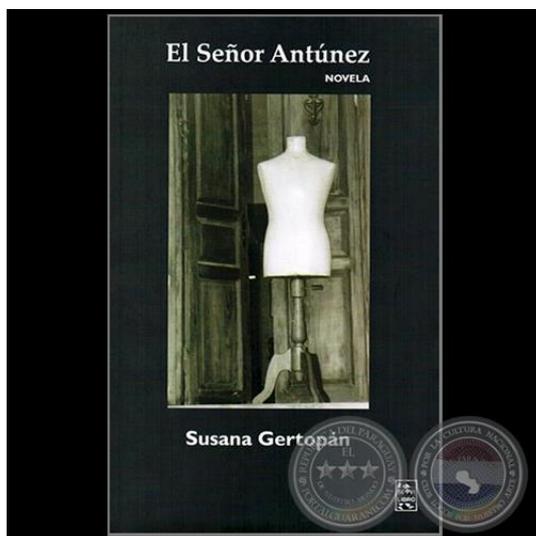
El guardián de los recuerdos (2012):



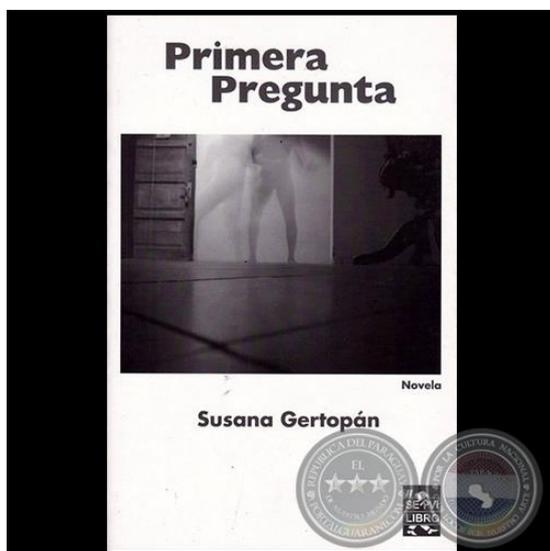
El fin de la memoria (2014):



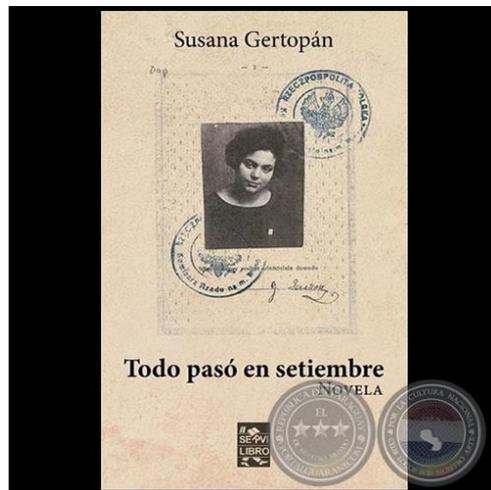
El señor Antúnez (2015):



Primera Pregunta (2017):



Todo pasó en setiembre (2019):

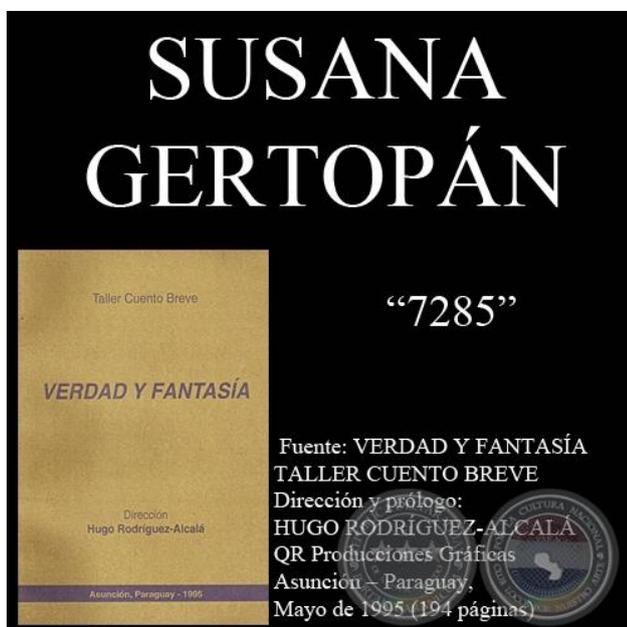
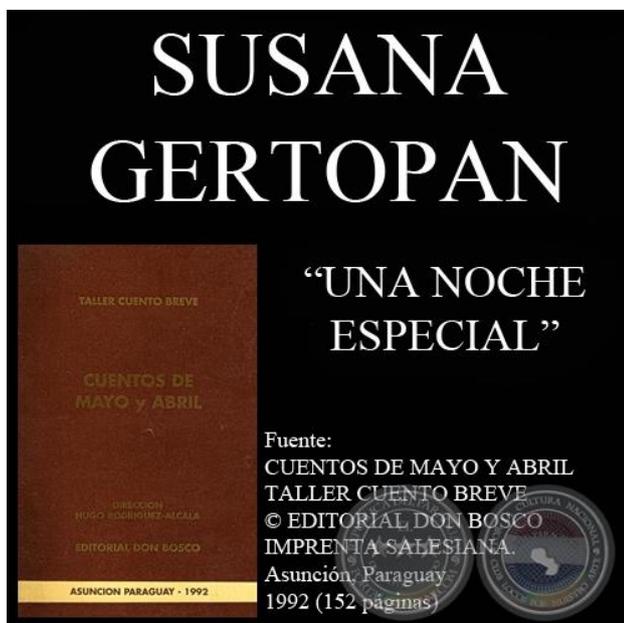


Fonte: Todas as imagens estão publicadas no Portal Guarani, Asunción - Paraguay.
Disponível em: <<http://www.portalguarani.com>>. Acesso em: 20 março. 2020.

ANEXO B

Dois contos de Susana Gertopán:

“Una noche especial” (1992); e “7285” (1995).



Fonte: As imagens e os contos estão publicados no Portal Guarani, Asunción - Paraguay. Disponível em: <<http://www.portalguarani.com>>. Acesso em: 20 março. 2020.